



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS – LÍNGUA
PORTUGUESA

CAMPUS SÃO BERNARDO - MA

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NA NARRATIVA *A PRINCESA QUE ESCOLHIA* (2017), DE ANA MARIA MACHADO

São Bernardo

2022

NAIARA AMORIM PEREIRA

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NA NARRATIVA *A PRINCESA QUE ESCOLHIA* (2017), DE ANA MARIA MACHADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos- Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão – *Campus* de São Bernardo, como requisito obrigatório para obtenção do diploma de licenciado.

Orientador(a): Profa. Ma. Francisca Marciely Alves Dantas

São Bernardo
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Amorim Pereira, Naiara.

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NA NARRATIVA A
PRINCESA QUE ESCOLHIA 2017, DE ANA MARIA MACHADO / Naiara
Amorim Pereira. - 2022.

56 p.

Orientador(a): Francisca Marciely Alves Dantas.

Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e Códigos
- Língua Portuguesa, Universidade Federal do Maranhão,
realizada pelo aplicativo google meet, 2022.

1. Ana Maria Machado. 2. Mulher. 3. Narrativa
Infantil e Juvenil. 4. Representatividade. I. Alves
Dantas, Francisca Marciely. II. Título.

NAIARA AMORIM PEREIRA

A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL DA MULHER NA NARRATIVA *A PRINCESA QUE ESCOLHIA* (2017), DE ANA MARIA MACHADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos- Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Maranhão – *Campus* de São Bernardo, como requisito obrigatório para obtenção do diploma de licenciado.

Orientador(a): Profa. Ma. Francisca Marciely Alves Dantas

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Francisca Marciely Alves Dantas - IFAP
Presidente

Profa. Ma. Cleanne Nayara Galiza Colaço - UEMA
Examinador 1

Profa. Ma. Fabiana dos Santos Sousa - UESPI
Examinador 2

Dedico essa monografia em primeiro lugar a Deus, que todos os dias me proporciona coragem para alcançar meus objetivos, aos meus familiares, e as pessoas que amo, em especial, meu pai, minha mãe e meus irmãos, Por estarem sempre por perto me proporcionando força e determinação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que me presenteia todos os dias com a energia da vida, por sempre me proporcionar uma solução em meio aos incansáveis problemas, e por me possibilitar força e determinação para que eu possa sempre seguir em frente com foco, força e fé.

Agradeço imensamente a minha querida mãe, Andréia Amorim e ao meu querido pai, Gilberto Lima, por estarem sempre dispostos a darem o melhor conforto e amor ~~para mim~~, sempre me incentivando e me mostrando que sou capaz de alcançar os meus objetivos. Agradeço aos meus irmãos Franciane, Andressa, Maiara, Matheus e Iara, por todo cuidado, apoio, amor e carinho, para que eu pudesse enfrentar todo o percurso.

Agradeço aoh meu bem Vagner Araújo que me deu todo apoio em todos os momentos. Agradeço aos meus familiares, principalmente aos meus avós, Francisco, Esmeralda, Genésio, por todo amor, apoio e preocupação. A minha querida avó Maria (*in memorian*) que infelizmente nos deixou no meio do trajeto, mas que onde esteja com certeza está na torcida por mim. Agradeço a todos os meus familiares por todo apoio e estímulo para a conquista dos meus objetivos.

Agradeço aos meus sobrinhos (as) Emanuelle, Kaléo Luis e Layla por tornarem os dias mais agradáveis com todo amor e carinho. Agradeço imensamente ao apoio de minhas amigas, Ana Maria e Karina Araújo, por estarem sempre me enaltecendo, por todas as frases de incentivo, e conversas ao longo de nosso curso, pela parceria em todos os trabalhos da UFMA, fazendo com que os dias na universidade se tornassem mais prazerosa.

Agradeço ao corpo docente do curso de Licenciatura em Linguagens e Código/Língua Portuguesa, por toda contribuição para meu crescimento acadêmico. Agradeço imensamente à minha querida orientadora, professora Francisca Marciely, por estar sempre à disposição para trabalhar juntamente comigo na construção do trabalho. Agradeço por todo carinho, paciência, dedicação, compreensão, pelo seu jeito doce de conversar e orientar em todos os momentos, tornando, assim, o trajeto mais agradável.

Agradeço a meus colegas da turma 2017, que estiveram juntamente comigo ao longo de todos esses anos, pela colaboração, parceria e por todos os momentos prazerosos durante o curso. Por fim, agradeço a todos que contribuíram na realização desse sonho, os meus mais verdadeiros agradecimentos.

“A literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização”.

(Nelly Novaes, 2000, p.27)

RESUMO

A pesquisa em questão tem como objetivo principal analisar a representação do papel da personagem feminina na obra literária infantil e juvenil *A princesa que escolhia* (2017), de Ana Maria Machado. Desse modo, a partir do objetivo geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: a) discutir sobre a origem da Literatura Infantil e juvenil e seus principais aspectos; b) verificar a forma como as personagens femininas são representadas nos contos narrativos clássicos; c) refletir sobre a representação da mulher nas narrativas infantis e juvenis contemporâneas. Como aporte teórico utilizamos: Abramovich (1997); Cadernartori (2010); Coelho (1981, 1991, 2012); Lajolo (1993, 2001); Lajolo & Zilberman (2007); Martins (2002, 2015); Machado (2017); Narvaz e Koller (2006); Perrot (2005, 2009); Zylberman (2005); Zolin (2009). Nesse sentido, a metodologia da pesquisa se desenvolve a partir do método bibliográfico, utilizando trechos retirados da obra e fundamentando com o aporte teórico escolhido. Como resultado alcançado, destacamos que a partir da análise literária, observamos que a representação da mulher na narrativa contemporânea mostra-se diferente em relação à narrativa clássica, visto que na última, a personagem feminina é representada como dependente da figura masculina, e na contemporânea a mulher está sendo representada de forma mais destacada, sendo construída de forma mais livre, encorajada e bem mais decidida, no sentido de fazer suas próprias escolhas.

Palavras-chave: Ana Maria Machado. Narrativa Infantil e Juvenil. Mulher. Representatividade.

ABSTRACT

The research in question has as main objective to analyze the representation of the role of the female character in the children's and youth literary work *The princess who chose* (2017), by Ana Maria Machado. Thus, based on the general objective, we established the following specific objectives: a) to discuss the origin of Children's and Youth Literature and its main aspects; b) verify the way in which female characters were represented in classic narrative tales; c) I will reflect on how contemporary children's and youth narratives highlight the role of women. As a theoretical contribution we used: Abramovich (1997); Cadernartori (2010); Coelho (1981, 1991, 2012); Lajolo (1993, 2001); Lajolo & Zilberman (2007); Martins (2002, 2015); Machado (2017); Narvaz and Koller (2006); Perrot (2005, 2009); Zylberman (2005); Zolin (2009). In this sense, the research methodology is developed from the bibliographic research method, using excerpts taken from the work and basing it on the chosen theoretical contribution. As a result, we emphasize that from the literary analysis, we observed that the representation of women in the contemporary narrative is different from the classic narrative, since in the classic narrative, the female character was represented as dependent on the male figure, and with the contemporary narrative the woman is being demonstrated in a much more prominent way being observed more and more free, encouraged and much more decisive in the sense of making her own choices.

Keywords: Anna Maria Machado. Children's and Youth Narrative. Women. Representativeness.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA NAS NARRATIVAS INFANTIS E JUVENIS: DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO	13
2.1 A literatura infantil e juvenil: origens, aspectos e características	13
2.2 A representação da mulher nos contos de fadas tradicionais.....	23
2.3 O papel da mulher na narrativa infantil e juvenil contemporânea	30
3. REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CONTO <i>A PRINCESA QUE ESCOLHIA</i> (2017), DE ANA MARIA MACHADO.....	42
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
5. REFERÊNCIAS	60

1. INTRODUÇÃO

A literatura trata-se de um reflexo do que acontece em nossa sociedade. Desse modo, a literatura infantil e juvenil se constitui por seu caráter lúdico, imaginativo e pedagógico, além de ser um instrumento de humanização e uma forma de educar através de histórias, de imagens, de reflexões que elas transmitem para o pensamento crítico infantil.

A criança tem o seu primeiro contato com a literatura, geralmente, através dos inúmeros contos de fadas, por meio de narrativas em que o destino da mulher é casar e viver feliz com seu parceiro. Essas narrativas mostram que a mulher sofre e necessita ser resgatada sempre por um príncipe encantado. Contudo, essas histórias promovem nas crianças a ideia de que para ser feliz a mulher precisa encontrar seu príncipe encantado, que é necessário ser generosa e gentil com o próximo. Nessa perspectiva, a literatura infantil e juvenil é um instrumento pedagógico que ensina valores e princípios por meio dos textos literários, permitindo com que os sujeitos possam interpretar e ampliar sua visão de mundo em relação à mulher, desde os contos clássicos até os contemporâneos.

Assim, com o passar dos tempos, os personagens e as histórias sofreram modificações, passando a ser representados em uma nova perspectiva, visto que o papel da mulher vem ganhando cada vez mais espaço, tanto nas histórias infantis, como na sociedade. Nesse sentido, é importante ressaltar que se trata de um processo lento, mas que aos poucos a mulher vem conquistando mais direitos.

Desse modo, a problemática se dá em; Como a autora Ana Maria Machado constrói a personagem feminina na obra *A princesa que escolhia* (2017)? Tendo como foco evidenciar a representação da princesa nessa obra, a qual difere da representação das narrativas clássicas universais. Dessa forma, temos como objetivos específicos: Discussão em torno dos aspectos que envolvem a origem da Literatura infantil e juvenil; Análise de perfis femininos nos contos clássicos da Literatura infantil e juvenil; Refletir sobre a representação da mulher a partir da obra em estudo e das narrativas infantis contemporâneas.

Nesse sentido, a temática dessa pesquisa surgiu a partir das inquietações suscitadas no contato com a disciplina de Literatura infantil e juvenil, e a reflexão em torno da representação das princesas nos contos de fadas. A partir desse contato inicial, surgiu a necessidade de se fazer uma investigação em torno do papel da personagem feminina na narrativa infantil contemporânea. Dessa forma, a partir do texto literário infantil há o desdobramento de questões importantes que permeiam a nossa sociedade,

sobretudo, no que diz respeito ao espaço que a mulher ocupa no atual contexto. E como principais autores que fundamentam o tema em questão temos: Abramovich (1997); Cadermartori (2010); Coelho (1981, 1991, 2012); Lajolo (1993, 2001); Lajolo & Zilberman (2007); Martins (2002, 2015); Machado (2017); Narvaz e Koller (2006); Perrot (2005, 2009); Zylberman (2005); ZOLIN (2009).

Nesse sentido, a pesquisa aqui proposta, baseia-se em trabalhos já publicados como trabalhos de teóricos que falam sobre a temática mencionada. Para alcançarmos os objetivos da pesquisa em questão foi necessário, primeiramente, fazer um levantamento bibliográfico acerca do tema referido. Depois fizemos uma discussão a respeito da literatura infantil e juvenil, e sua contribuição para os sujeitos, no sentido de humanizar e trazer seus ensinamentos pedagógicos, como também destacando sua origem e principais aspectos e características, até os dias atuais. Em seguida, fizemos uma explanação a respeito dos contos de fadas tradicionais e como as personagens femininas eram evidenciadas nos respectivos contos clássicos.

Na sequência, fizemos uma explanação de como a personagem feminina é evidenciada na narrativa infantil e juvenil contemporânea. Nesta perspectiva, foi feita uma leitura interpretativa da obra, com o intuito de visualizar elementos teóricos. Em seguida, foi analisada a obra *A princesa que escolhia* (2017) com o objetivo de elaborar a interpretação literária acerca do tema discutido no referencial teórico.

O trabalho aqui proposto se organiza da seguinte forma: 1) introdução, que se trata de uma discussão inicial sobre os principais pontos constituintes do trabalho; 2) o primeiro capítulo intitulado “Literatura infantil e juvenil”, em que se subdivide em três subtópicos, nas quais discutem sobre a literatura infantil e juvenil, como sua origem, seus aspectos e suas principais características; posteriormente temos outro subtópico que discute a respeito de como a mulher é representada na narrativa infantil e juvenil clássica e o terceiro subtópico discute sobre a evidenciação do papel da mulher na narrativa infantil e juvenil contemporânea; 3) o segundo e último capítulo intitulado “Análise do conto *A princesa que escolhia* (2017), de Ana Maria machado” compreende a análise do *corpus*, contendo a interpretação da obra de acordo com o que foi evidenciado na discussão teórica; 4) e por fim temos as considerações finais, que se trata de um apanhado geral de tudo que foi discutido ao longo de todo o trabalho.

2. ASPECTOS ORIGINÁRIOS DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: DO CLÁSSICO AO CONTEMPORÂNEO

O capítulo em questão trata sobre a literatura infantil e juvenil, traçando um paralelo entre a origem da narrativa clássica e os textos juvenis contemporâneos apresentados, bem como seus fundamentais aspectos e principais características, envolvendo autores com perspectivas e padrões inovadores e com desdobramentos de questões que envolvem o gênero feminino. Desse modo, vamos tratar aqui sobre a representação da mulher na narrativa infantil e juvenil contemporânea, destacando de forma clara a representatividade feminina e as formas de representatividade da mulher em meio à sociedade.

2.1 A literatura infantil e juvenil: origens, aspectos e características

A literatura infantil e juvenil tem como intuito primordial transmitir conhecimento em relação ao mundo, para as crianças através das histórias. Assim, com base em Cademartori (2010, p 23): “A obra literária recorta o real, sintetiza-o e interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou do poeta. Sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo”. Através dos ensinamentos repassados por meio das narrativas o leitor faz a interpretação do texto, e com base em seu entendimento tira suas principais conclusões em relação ao que a leitura transmite sobre o mundo que nos rodeia. O texto literário mostra retratos da realidade, de forma bem clara, com uma linguagem de acordo com as faixas etárias de seu público-alvo. Nesse sentido, Zilberman (2005) destaca que:

Os primeiros livros que, quando foram editados, destinavam-se principalmente às crianças continham histórias recolhidas da tradição oral e redigidas agora com o olho nas potencialidades do novo público. Originalmente, narrativas como “Chapeuzinho Vermelho” ou “João e Maria” eram ouvidas por adultos, que as herdaram dos antepassados, também maiores de idade. Desse tempo, os textos guardam vários resíduos, tais como: - a ambiência rural das histórias, pois quase todas as personagens vivem ou pertencem ao campo; - a alusão a animais, como o lobo, por exemplo, que deviam causar medo nas populações que moravam em regiões isoladas, como ocorre à mãe e à avó de Chapeuzinho; - a ameaça da fome e da morte, como experimentam as duas crianças abandonadas pelos pais na floresta. (ZILBERMAN, 2005, p. 90-91).

Os primeiros escritos literários infantis tiveram origem a partir da oralidade, uma vez que eram redigidos e repassados para as crianças pelos mais velhos, através da forma oral. Nesse sentido, a literatura infantil e juvenil tem suas origens ainda na

Antiguidade, tendo sua origem na Europa. Dessa forma, por mais que já houvesse existido alguns vestígios de textos de cunho literário e infantil, só foi oficializado a partir de seu surgimento oficial na Europa.

Nessa perspectiva, Cademartori (2010, p. 39) enfatiza que: “[...] o francês Charles Perrault (Cinderela, Chapeuzinho Vermelho) coleta contos e lendas da Idade Média e adapta-os, constituindo os chamados contos de fadas [...]”. Perrault é considerado o primeiro mentor da literatura infantil e juvenil, no século XVII, visto que ele fazia a coleta de narrativas consideradas populares, como lendas, e assim fazia adaptações de acordo com o olhar do público infantil.

Daí em diante, houve o surgimento de outros autores, que faziam a mesma função que Perrault, como destaca Cademartori (2010):

No século XIX, outra coleta de contos populares é realizada, na Alemanha, pelos irmãos Grimm (João e Maria, Rapunzel), alargando a antologia dos contos de fadas. Através de soluções narrativas diversas, o dinamarquês Christian Anderson (O patinho feio, os trajes do imperador), o italiano Collodi (Pinóquio), o inglês Lewis Carroll (Alice no país das maravilhas), o americano Frank Baum (O mágico de Oz), o escocês James Barrie (Peter Pan) constituíram padrões de literatura infantil. (CADEMARTORI, 2010, p. 39-40).

Desse modo, com o aparecimento dos diferentes autores no âmbito literário infantil e juvenil, surgiram diferentes valores e ensinamentos pedagógicos, tais como: não confiar em todas as pessoas, acolhimento às diferenças, a mentira não é boa, a questão de que o país das maravilhas não é tão perfeito, a magia do mundo mágico, e a questão do imaginário, em que os personagens viajam e voam. Esses autores trouxeram diferentes perspectivas por meio de suas narrativas, e é perceptível essa diferenciação no padrão literário de cada um dos autores. Percebe-se, então, que os autores em questão enfocam narrativas com diferentes desfechos e formas de transmitir os ensinamentos aos pequenos leitores. E assim a literatura infantil por meio dos diversos modelos representados tornou-se mais abrangente.

Ademais, anteriormente as crianças eram observadas como adultos em miniatura, como enfatiza Cademartori (2010, p. 43): “A criança, na época, era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo período de maturação”. Então, a partir desse momento, com as devidas preocupações, a criança passa a ser vista com um olhar diferenciado em relação aos adultos, como uma literatura com características próprias voltadas para o infantil. Nessa perspectiva, a literatura deixa de ser destinada a todos os públicos sem exceção da faixa etária e passa a ser direcionada apenas para as crianças. E assim, a ideia de literatura

infantil surgiu no período em que as preocupações sociais se voltam para a criança. Como Lajolo e Zilberman (2007) afirmam que:

A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária. Todavia, a função que lhe cabe desempenhar é apenas de natureza simbólica, pois se trata antes de assumir uma imagem perante a sociedade, a de alvo da atenção e interesse dos adultos, que de exercer uma atividade econômica ou comunitariamente produtiva, da qual adviesse alguma importância política e reivindicatória. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2007, p. 16).

Surge, então, a necessidade de uma literatura na qual conseguisse colaborar com a formação e o conhecimento das crianças, daí em diante o papel da criança perante a sociedade teve mais importância. Desse modo, os instrumentos lúdicos foram atrelados ao educar infantil e passaram a contemplar a vida da criança. Dai em diante foram fabricados instrumentos para que fossem voltados para a carência da criança, ou seja, foram confeccionados livros e brinquedos personalizados de acordo com o público infantil.

Sobretudo, Zilberman (2005) afirma ainda que:

No começo, a literatura infantil se alimenta de obras destinadas a outros fins: aos leitores adultos, gerando as adaptações; aos ouvintes das narrativas transmitidas oralmente, que se convertem nos contos para crianças; ou ao público de outros países, determinando, nesse caso, traduções para a língua portuguesa. Há um último segmento que vale a pena citar: as obras destinadas à escola. (ZILBERMAN, 2005, p. 18).

Nessa perspectiva, os textos literários eram destinados a outros objetivos, e, principalmente, para os adultos, visto que as obras tinham como intuito principal transmitir o conhecimento, ou seja, eram obras voltadas para a escola. Mais tarde foram traduzidas e adaptadas para se tornarem contos e assim serem transmitidas às crianças e foram tornando-se textos com o intuito de educar e trazer ensinamentos em relação aos acontecimentos presentes na época.

Nesse sentido, a partir das transformações nas quais os textos eram adaptados para o público infantil, como enfatiza Cademartori (2010), Perrault fazia a coleta dos contos populares e os adaptavam de acordo com a necessidade do público infantil. Assim, os contos populares, que na época eram destinados aos adultos, sofriram adaptações, transmitindo um caráter de ensinamentos e castigos após a desobediência de algumas regras, eram sempre adaptados para trazer um ensinamento aos pequenos leitores.

Além disso, as narrativas infantis têm o intuito de transmitir o caráter pedagógico, procurando ensinar as crianças, trazendo elas ao mundo real, concreto e pensante. As narrativas infantis manifestam a habilidade da imaginação e da fantasia, em que essas habilidades mostram ser o que tem de mais real no pensamento das crianças.

Nesse sentido, Cademartori (2010) destaca que:

Tradicionalmente a literatura infantil apresentou, por determinação pedagógica, um discurso monológico que, pelo caráter persuasivo, não abria brechas para interrogações, para o choque das verdades, para o desafio da diversidade, tudo se homogeneizando numa só voz, no caso, a do narrador. (CADEMARTORI, 2010, p. 25).

Assim, para que de fato seja conquistada tal conduta, o narrador deve se manifestar como um artista, possibilitando novos caminhos, e assim transmitindo obediência, e então é necessário o aprendizado das crianças em relação às regras, para se tornarem seres disciplinados. Isto é, a literatura se mostra como um fundamental aliado no sentido de disciplinar e fazer o ensinamento em relação à obediência. Portanto, a literatura infantil e juvenil, por meio das narrativas expressa diversos aprendizados acerca de como cumprir às devidas regras, pois ela traz obras que transmite personagens disciplinados, que ao descumprir sofrem as consequências, e tais lições servem de exemplos para que as crianças se mostrem regradas.

No Brasil, a literatura infantil veio mais tarde, tinha influência de obras portuguesas, e a partir das inúmeras transformações iniciou uma literatura destinada ao público infantil. Uma das primeiras transformações foi a modificação que ocorreu na escolarização das crianças, devido às reformas estabelecidas ao final da década de 60 e início da década de 70. Com base em Zilberman (2005):

A literatura não escapou da repressão, no entanto, sofreu menos. E a literatura infantil, que, talvez por não ser vista, não era lembrada, pôde se apresentar como uma dessas válvulas de escape, por onde os produtores culturais - escritores, ilustradores, artistas em geral- tiveram condições de manifestar ideias libertárias e conquistar leitores. (ZILBERMAN, 2005, p. 46).

Com base nas respectivas modificações, retornou o pensamento acerca das crianças e no processo de ensino auxiliando na aprendizagem em relação à literatura infantil, por se tratar de uma disciplina na qual não era lembrada, a literatura infantil e juvenil veio a se tornar um fundamental aliado no desenvolvimento de produtos, visto que os escritores puderam enaltecer seus escritos por meio da literatura. E assim, ela foi se tornando mais abrangente e conquistando cada vez mais o olhar do público em meio às transformações. Desse modo, o meio literário infantil e juvenil, avança ainda mais em

relação ao seu desenvolvimento, na qual se dá como válvula de escape, como uma solução para a constituição cultural.

Sendo assim, Cademartori (2010) evidencia que a literatura infantil e juvenil no Brasil teve início com as obras de Monteiro Lobato, o mesmo tem sua obra voltada para a vida rural brasileira, como exemplo temos o clássico: “Sítio do pica-pau amarelo” (entre 1920 e 1947). Assim, as obras de Lobato expressam uma forte ligação com as questões sociais existentes naquele período, por conta da não satisfação do autor com problemas sociais. Cademartori (2010, p. 52) enfatiza que: “[...] Monteiro Lobato escandaliza, assusta e ameaça a modorra nacional”. Neste sentido, o autor mostra ter em suas obras uma grande conexão com os problemas sociais, assim o autor traz um olhar crítico, claro e mais transparente em relação aos acontecimentos da realidade do país e os propaga em suas obras, ou seja, deixa retratado de forma bem clara o que estava acontecendo na sociedade daquela época.

De acordo com Cademartori (2010), as narrativas infantis de Monteiro Lobato antecedem a realidade que domina os preconceitos presentes historicamente, e desconsidera o moralismo claro e tão destacado nas obras determinadas para as crianças naquele período. O autor transmite de forma bastante clara os fatos, e assim, a obra deixa de mostrar o caráter moralista e educador para a criança, e passa a evidenciar os preconceitos, o descontentamento do autor acerca da sociedade vigente na época. Cademartori (2010) afirma que:

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista. (CADEMARTORI, 2010, p. 54).

As obras de Monteiro Lobato mostram uma realidade presente naquele período, o autor vem socializando de forma clara e transparente o que está ocorrendo em meio à sociedade, evidenciando para que assim o leitor possa ter conhecimento acerca de todos os acontecimentos.

Nesta perspectiva, Monteiro Lobato também fez adaptações de obras de alguns autores, porém, as obras de sua origem eram as que ganhavam mais importância. Segundo Zilberman (2005):

O sítio é uma espécie de paraíso, mas um paraíso muito especial: em primeiro lugar, porque, se tem uma proprietária, não existe um dono, nem se verifica o exercício do poder autoritário. Não há dominadores, o que se encontra até no Jardim do Éden. Ali podem aparecer vilões, mas eles jamais levam a melhor,

e isso é outro ponto a favor do sítio, se comparado com outros espaços ideais, imaginados pela raça humana. Por último, mas não menos importante: o sítio é brasileiro, como se fosse uma representação idealizada de nossa pátria. Em outras palavras, é o Brasil conforme o desejo de Lobato, um Brasil sonhado, mas sempre um Brasil. (ZILBERMAN, 2005. p, 29-30).

Percebe-se que o sítio era a representação de todo um Brasil idealizado pelo autor, então se observa o motivo pelo qual o autor constitui a maioria de suas obras em um ambiente rural, em que não se tem ambição, e nem brigas territoriais, fazendo com que o leitor perceba de forma clara como está sendo a representação do mundo. Desta forma, Lajolo (2001, p. 47) enfatiza que “[...] o mundo representado na literatura – por mais simbólico que seja – nasce da experiência que o escritor tem de sua realidade histórica e social”. Portanto, é a partir da vivência do autor que o mesmo transcreve suas obras, enfatizando o que se passa a respeito do período e as experiências que ele está vivenciando. Além disso, Lajolo (2001) relata que a escrita de obras literárias são frutos do imaginário dos autores, mas sempre relacionando com a realidade, ou seja, o autor faz seus escritos a partir da realidade presenciada ao longo dos tempos.

Cademartori (2010) enfatiza que as principais características dos personagens de Monteiro Lobato eram o conhecimento e a esperteza, e o que fazia o sítio progredir era a liberdade e a criatividade dos habitantes presentes naquele local. O autor trabalha com personagens bastante centrados, para que possa haver sempre os critérios primordiais e assim o sítio possa sempre prevalecer. Lobato a todo o momento enaltece o país através de suas obras, mostrando por meio de suas narrativas, o povo e a cultura do local, ressaltando sempre para os leitores como era, e como o mesmo fazia a idealização da sociedade, mas também fazendo denúncias da sociedade vigente na época.

Nesse sentido, conforme as modificações ocorridas para o surgimento dos primeiros escritos sobre literatura infantil no Brasil, Zilberman (2005) destaca que:

A literatura não contraria a velha lei de Lavoiser, conforme a qual nada se cria tudo se transforma. Ainda que se considere que um escritor é um criador, ele produz uma obra a partir de sua experiência, de leituras e do que esperam dele. Esse ponto de partida é muito amplo, de modo que as variações são infinitas, e as obras, bastante diferentes entre si. O escritor dispõe também de grande liberdade, pois, somando experiência e imaginação, ele pode ir longe, inventando pessoas, lugares, épocas e enredos diversificados. Contudo, ele não pode ir longe demais: os leitores precisam se reconhecer nas personagens, há limites para mexer com a temporalidade, e a ação precisa ter um mínimo de coerência. (ZILBERMAN, 2005, p. 13).

Sendo assim, percebe-se que tudo se cria a partir do contato com um texto de suporte, nesse sentido, foram feitas as traduções para transmitir a literatura infantil no Brasil, por meio de algo que já estava escrito, e com o passar dos tempos veio surgindo as narrativas de origem brasileiras, com novos enredos, novos personagens e uma

literatura que teria que ser compreensível por parte do leitor. Portanto, o escritor deve ter o máximo de cuidado possível para que o leitor possa fazer a compreensão de seus escritos e assim possa aflorar o conhecimento crítico, os questionamentos, e as interpretações necessárias.

Desse modo, Zilberman (2005) destaca que no Brasil os primeiros livros destinados às crianças vieram aparecer ao final do século XIX, mas a literatura infantil já havia existido há muito tempo, porém os primeiros livros brasileiros vieram aparecer apenas nesse período. Assim, Zilberman (2005, p. 10-11) destaca que: “Poder-se-iam definir os livros para crianças por essa característica: são os que ouvimos ou lemos antes de chegar à idade adulta”. Portanto, é necessário que os livros destinados ao público infantil se encontrem completos de características voltadas para as crianças, tais como inúmeras histórias voltadas para o imaginário, a fantasia, o pedagógico, mas que seja voltado para a essência do ser criança. Nessa perspectiva, é importante destacar que a partir do aparecimento dos primeiros livros, já vinha sendo iniciada as produções infantis e publicadas no Brasil. Zilberman (2005) destaca que:

A literatura infantil exibe uma fisionomia completamente diferente na atualidade, porque não se submeteu aos paradigmas representados pelos escritores que dominavam a cena literária no começo dos anos 70 e que vieram a constituir as primeiras opções dos professores e estudantes. (ZILBERMAN, 2005, p. 51)

Assim, torna-se totalmente diferenciada na atualidade, por não sofrer nenhuma restrição para serem aceitos. Os autores atuais trazem uma literatura bastante diferenciada das narrativas tradicionais, mais inovadoras, sempre voltadas para a atualidade, trazendo sempre personagens mais livres, em buscas dos seus direitos igualitários. Sempre textos com o intuito de trazer reflexos sobre as ocorrências no mundo, mostrando tema e personagens com foco nos assuntos referentes aos dias atuais.

Os autores atuais se mostram importantes, no sentido de transformar o pensamento do leitor em relação à ideia das narrativas tradicionais, mas também enfatizar narrativas com um olhar voltado para a atualidade. É importante ressaltar que atualmente a literatura infantil e juvenil vem possibilitando ao seu público uma concepção de textos literários, em abertos para que haja incontáveis questionamentos e reflexões, ou seja, se tratam de textos que não tem um fim determinado, textos esses que podem finalizar de acordo com o ponto de vista de cada leitor, mas que seja algo que o leve a ter curiosidade, um leitor que questione e faça sua própria compreensão sobre o fim de diversas narrativas.

A partir dos anos 70 foi acontecendo à reformulação da literatura infantil e juvenil como destaca Zilberman (2005):

Durante os anos 70, foi como se a literatura infantil brasileira começasse a recontar a história, rejeitando o que a antecedeu e recusando mecanismos simplórios de inserção e aceitação social. Graças a essa empreitada arriscada, ela ganhou, sem barganhar, espaço na escola e junto ao público. A recompensa foi seu crescimento qualitativo, que a coloca num patamar invejável, mesmo se comparada ao que de melhor se faz para a criança em todo o planeta. (ZILBERMAN 2005, p. 52).

A partir dessa reformulação a literatura infantil teve sua maior importância, e assim foi alavancando cada vez mais, ela foi ganhando mais relevância perante a sociedade. Neste sentido, foram surgindo escritores contemporâneos, tais como Ana Maria Machado, que trazia obras diferentes, e com um olhar voltado para obras da atualidade com diferenciadas narrativas, entre outros inúmeros autores. Além disso, Lajolo (2001) enfatiza que:

A literatura fala de vários mundos: alguns parecidíssimos com o nosso, onde, por exemplo, tem gente que morre de fome nas ruas, e de mundos muito diferentes, onde vivem espíritos, anjos, energias e demônios. A literatura hoje traz para o nosso lado mundos prometidos pela ciência, com seres artificiais sofisticados e com seres naturais manipulados em laboratório. (LAJOLO, 2001, p. 9).

Desse modo, entende-se que a literatura é um reflexo dos acontecimentos que vem ocorrendo no mundo atualmente e mostrando nas traduções das narrativas, deixando de demonstrar o que estava acontecendo na tradição passada, e passando a mostrar o que está refletindo no mundo na contemporaneidade. E então, vem aparecendo narrativas infantis de diferentes formas, com diferentes desfechos.

Zilberman (2005) destaca também que com as modificações que ocorreram na literatura, o aparecimento de narrativas de autoria feminina surgiu com bastante frequência, trazendo escritoras femininas com uma literatura mais inovadora. E, então, foi havendo inúmeras transformações nas narrativas destinadas ao público infantil. Zilberman (2005) enfatiza:

A literatura infantil não apenas mostrou-se coerente com o que ocorria; ela assumiu, em certo sentido, papel de vanguarda, pois foi naquele gênero de livros que apareceu o maior número de escritoras e de personagens femininas no lugar de protagonistas. poder-se-ia dizer que foi uma revolução em dobro: a literatura se modificou, e isso ocorreu por força da liderança de meninas e moças. Fadadas pela tradição a traduzir fragilidade e dependência, elas começaram por romper esse padrão; e acabaram por introduzir outro paradigma, na condição de porta-vozes da liberdade e da rebeldia, mesmo quando conscientes de que os limites acabariam por dobrar e vencer [...]. (ZILBERMAN, 2005, p. 88-89).

Sendo assim, o papel feminino surgiu de fundamental importância para a literatura, tornando-se diferenciada daquele que surgiu inicialmente, pois a literatura escrita e protagonizada por mulheres desafia os padrões propostos pela sociedade, destaca narrativas mais direcionadas para a liberdade feminina, com personagens extremamente rebeldes e em busca dos direitos igualitários.

Desse modo, Lajolo (1993, p. 27) destaca ainda que: “[...] a literatura infantil mais antiga era conservadora, porque inculcava comportamentos e atitudes de passividade nas crianças, preconizava obediência aos pais e submissão aos mestres”. Nesse sentido, é possível percebermos que antes havia toda uma literatura destinada às crianças bem conservadora, mostrando que as mesmas não eram rebeldes, e não desobedeciam aos pais, e eram sempre preocupadas em fazer tudo certo sem rebeldia e desobediência, mas sim demonstrar cuidado e preocupação em seguir as ordens dos pais. Mas, atualmente, ocorreram as transformações e essa ideia da criança bem centrada foi se modificando. E com o surgimento das narrativas literárias atualizadas foi possível verificar essas modificações.

Sobretudo, Zilberman (2005, p. 90) continua pontuando que: “Os primeiros livros quando foram editados, destinavam-se principalmente às crianças e continham histórias recolhidas da tradição oral e redigidas agora com o olho nas potencialidades do novo público”. Nesse sentido, a autora destaca que as principais literaturas foram adaptadas de histórias que já existiam, com o pensamento sempre voltado ao público-alvo, com uma narrativa mais padronizada para o público infantil.

Dessa forma, a literatura infantil e juvenil tem fundamental importância perante a sociedade, e surge como uma forma de tornar o ser humano mais humanizado e mostrar por meio das inúmeras histórias infantis que é possível percebermos como a sociedade, ao longo dos tempos, vai evoluindo e, conseqüentemente, as histórias literárias infantis também sofrem essa evolução, deixando de seguir os padrões conservadores, e passam a ter um caráter mais voltado para a modernidade e a quebra desses padrões. Coelho (1981) afirma:

Daí a importância da literatura infantil, nestes tempos de crise cultural: cumprindo sua tarefa de alegrar, divertir ou emocionar o espírito de seus pequenos leitores ou ouvintes, leva-os, de maneira lúdica, fácil, a perceberem e a interrogarem a si mesmo e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, suas aspirações, suas necessidades de autoafirmação ou de segurança, ao lhes propor objetivos, ideias ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação social. (COELHO, 1981, p. 3).

Nessa perspectiva, a literatura infantil, de forma lúdica e pedagógica, ensina e mostra aos sujeitos, o que está sendo transmitido ao longo dos tempos. E de acordo com

a mudança que vai ocorrendo na sociedade, as histórias vão sendo evoluídas e passam a mostrar os seus personagens de forma mais atualizada.

Coelho (1981, p. 20) enfatiza que: “[...] na criança o conhecimento da realidade se dá através do sensível, do emotivo, da intuição... e não, através do racional ou da inteligência intelectual, como acontece com a mente adulta e culta”. Nesse sentido, a literatura infantil é de suma importância, pois, ela age como uma forma de ensinar valores morais e pedagógicos por meio do lúdico, do mágico, da fantasia, por ser uma forma mais aproximada e sensível que as crianças e até mesmo os adultos conseguem compreender determinados temas.

Segundo os estudos de Abramovich (1997, p. 17): “É através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica [...]”. Portanto, por meio das histórias é possível percorremos inúmeros ambientes, e nos imaginarmos através dos diversos personagens, fazendo assim, uma viagem por meio do imaginário e da fantasia. Então, contar histórias mais do que distração, é um exercício de aprendizado. Dessa forma, as crianças tendem a compreender os contos de fadas e formar opiniões que irão ajudar a percorrer os caminhos da vida. Abramovich (1997) ainda destaca que:

É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos [...]. (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Desse modo, a literatura infantil e juvenil age como fundamental aliada no processo de humanização da criança, tornando assim a mesma de suma relevância em relação a adquirir o aprendizado e conhecimento necessário das questões que vem ocorrendo em meio à sociedade. Portanto, a literatura infantil e juvenil atua como um aliado no desmembramento de fundamentais questões, e faz com que as crianças se tornem aptas a desenvolver e desvendar o pensamento crítico e coerente sobre diferentes questionamentos que permeiam o mundo imaginário, em que estão atreladas ao meio social, na qual as mesmas vivenciam, ou seja, é tornar-se capacitado a desenvolver os diversos questionamentos presentes no meio.

Assim, Zilberman (2005), vem mencionando os diversos nomes de autores que colaboraram para que a literatura infantil e juvenil pudesse prevalecer, menciona nomes de escritores que fazem narrativas desde os textos tradicionais até o aparecimento de textos contemporâneos. Autores tais como, Ana Maria Machado, Ziraldo, Eva Furnari,

Sylvia Orthof, Pedro Bandeira, Monteiro Lobato entre outros, fundamentais autores que fizeram importantes contribuições na literatura infantil e juvenil.

Desta forma, Zilberman (2005, p. 163) destaca que: “A produção brasileira, representada por artistas como Ziraldo, Juarez Machado, Angela Lago, Elvira Vigna e Eva Furnari, chegou a um nível de excelência que a faz merecedora de toda a consideração”. Nesse sentido, os respectivos autores foram de grande importância para que a literatura infantil e juvenil possa ter um aumento tão significativo perante o meio social.

Sobretudo, é importante lembrarmos que, os contos de fadas em sua origem não eram destinados às crianças, mas sim com o passar dos tempos foi passando a ser direcionado para o público infantil e juvenil, com o denominado conceito de literatura infantil que conhecemos atualmente. Ou seja, os contos de fadas foram inseridos na infância com esse objetivo pedagógico de educar os sujeitos e seus comportamentos para a aceitabilidade social.

2.2 A representação da mulher nos contos de fadas tradicionais

Os contos de fadas tradicionais não tratam apenas de histórias de cunho atrativo, estimulante, mas também apresenta um mundo que rompe com os inúmeros obstáculos, que conquista o imaginário das crianças, dos jovens e até mesmo os adultos. E com os relatos sobre princesas, príncipes, questões ligadas à beleza, aos estereótipos, tratando também do encontro com o amor designado como verdadeiro e os procedimentos de fascinação, e assim por diante.

Coelho (2012, p. 85) destaca que: “Pertencente ao mundo dos mitos, a Fada ocupa um lugar privilegiado na aventura humana”. Visto que, as fadas são de fundamental importância no que se refere ao mundo imaginário, tornando-se para diversas pessoas, um ser que se mostra existente e presente na vida humana, e é portadora de magias. Então, a representação das fadas mostra ter fundamental importância para as crianças no sentido de educá-las e humanizar, tornando os mesmos seres sensíveis.

A priori, nos contos de fadas tradicionais o papel feminino é mostrado de forma diferente do papel masculino, as mulheres mostram ser bem obedientes a seus companheiros, e mostram que as filhas são criadas para o lar, para o marido e para o cuidado dos filhos. Martins (2002, p. 13) destaca que; “[...] as figuras femininas são responsáveis, na maioria das vezes, por grande parcela da educação das crianças,

podendo ser consideradas modelos a serem adotados”. Além disso, é expressa nos contos tradicionais essa obrigação da figura feminina em passar a educação aos filhos, e assim servindo de modelo tanto no mundo imaginário como, também, na realidade.

As figuras femininas, por longo tempo, foram sendo ensinadas e educadas para desenvolver tarefas que as colocam sempre em espaço de inferioridade, na qual o homem está a todo o momento sendo privilegiado, com um espaço de poder e dominação, visto que, as mulheres foram atribuídas desde os tempos remotos à obediência à figura masculina, como pais, esposos e irmão. E nos relatos tradicionais esses ensinamentos são sempre destacados. E é observado que esse comportamento/pensamento ainda prevalece até os dias atuais.

Nas explanações clássicas infantis, a mulher é representada por conter um papel de submissa ao homem, por sempre ter que obedecer à figura masculina. Como destacam Narvaz e Koller, (2006, p. 50): “Cabe destacar que o patriarcado não designa o poder do pai, mas o poder dos homens, ou do masculino, enquanto categoria social”. De fato, a mulher ao longo de sua vida está sendo sempre obrigada a seguir as ordens do masculino, tendo que obedecer à figura masculina, independentemente de ser pai, irmão, tio, mas sempre tendo que seguir as respectivas regras.

Diante disso, Narvaz e Koller, (2006, p. 50) enfatizam ainda que: “O patriarcado é uma forma de organização social na qual as relações são regidas por dois princípios básicos: 1) as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens e, 2) os jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos”. Esse processo de patriarcalismo, já vem desde o princípio no qual as mulheres seguem sempre as ordens dos homens e os jovens, seguem desde o princípio os mandamentos dos mais velhos. Assim também é enfatizado nos contos de fadas tradicionais, na qual as mulheres são sempre representadas com o papel de obediente ao homem, e os mais novos percorrem as mesmas tradições dos mais velhos.

Visto que, o papel masculino é tratado de forma totalmente diferenciada, os homens são sempre privilegiados e as mulheres não recebem esse devido privilégio. Nesse sentido, Martins (2015), destaca que:

Enquanto as personagens masculinas são frequentemente apresentadas como espertas, corajosas, ativas e engenhosas, partindo do lar, rumo a grandes aventuras, tais como matar gigantes, decifrar enigmas, encontrar tesouros escondidos, salvar princesas indefesas, é notório que, em se tratar da representação da figura feminina, não há meio termo nos contos de fadas tradicionais. (MARTINS, 2015, p. 31)

Sobretudo, é percebido que nos casos tradicionais o papel da figura masculina se mostra ser destacada com maior destaque, por se tratar do sexo mais forte, por ser visto

como mais corajoso e que enfrenta sempre os perigos, segundo a visão da sociedade, enquanto o papel feminino está sempre sendo representado como algo frágil. A personagem feminina é sempre mostrada com um olhar de incapacidade de ocupar os mesmos espaços que o papel masculino. Sendo assim Narvaz e Koller, (2006, p. 52) afirmam que: “O papel da mãe ainda remete ao cuidado dos filhos, enquanto o papel do pai, além de prover o sustento, envolve questões de disciplina e de autoridade”. Percebe-se, então, que o papel feminino desde muito tempo está sendo destinados aos cuidados e ensinamentos de valores e princípios aos filhos, o papel do pai é sempre de conseguir o sustento dos filhos, ter o poder de tornar eles obedientes sempre seguindo as regras postas pelo pai.

conforme Martins (2015) destaca que:

A caracterização das heroínas e das vilãs se faz de forma que elas surjam em geral em polos diametralmente opostos: as primeiras são figuras quase sempre domésticas, trabalhadeiras, resignadas e altruístas. Caso se atrevam a sair do ambiente doméstico, correm perigo. Quem as livra dos problemas são príncipes encantados, fadas madrinhas, lenhadores gentis. Na outra categoria encontramos as bruxas, as madrastas malvadas e as feiticeiras – na maioria das vezes, as grandes responsáveis pelo sofrimento das protagonistas. (MARTINS 2015, p. 31).

É notório que a figura feminina para garantir destaque é necessária que corra os perigos e descumpra as regras imposta pela sociedade, muitas vezes para tornarem-se heroínas é preciso que sejam escondidas da sociedade e do poder masculino. Então, as mulheres representadas nas narrações infantis tradicionais mostram-se com um olhar de incapacidade de se defender sozinha, sempre necessita de ajuda, e caso elas tentem burlar as regras são punidas. Isto é, as mulheres que buscam mostrar um comportamento diferenciado das demais que são criadas para educar os filhos, são vistas com um olhar de estranhamento, pois de acordo com a sociedade vigente naquela época as mulheres tinham apenas o papel de serem educadas para cuidar do lar. Assim, Martins (2015), destaca que:

Atuam, reagem, assumem papéis ativos nas histórias, aos quais é atribuído um valor extremamente negativo, o que revela bem o caráter misógino desse discurso que tende a apresentar criatividade, ação e poder como traços indesejáveis nas mulheres. (MARTINS 2015, p. 31-32).

O papel feminino demonstrado nos contos, nas quais as personagens femininas determinavam certo poder era observado como algo negativo, por ser dominado por mulheres, pois segundo os princípios da sociedade, o papel de protetor era destinado aos homens e não a figura feminina, a mulher tinha que ser salva pelo príncipe. Assim, o que

era determinado pelos mais velhos, e pela figura masculina teria sempre que ser que cumprir.

Assim Narvaz e Koller, (2006, p. 50) destacam que: “O corpo e a sexualidade das mulheres passaram a ser controlados, instituindo-se então a família monogâmica, a divisão sexual e social do trabalho entre homens e mulheres”, visto que, o papel da mulher a todo o momento passou a ser controlada, como informa as autoras, e com esse controle foram sendo feitas as distinções entre as funções destinadas aos homens e às mulheres, tornando assim a mulher um ser reduzido à situação masculina.

Em suma, a figura feminina é representada nos contos de fadas tradicionais da seguinte forma: como algo que é frágil, incapaz, não tem direito de escolha, tem que seguir as regras impostas pelos homens, não tem direito de dar algum posicionamento em relação às regras, em relação às escolhas, em relação às distribuições de tarefas, dentre outras funções, como pode ser observado na obra *Cinderela* de autoria dos *Irmãos Grimm*. Portanto, a mulher está a todo o momento sendo representada como um ser sem poder de fala diante da sociedade vigente nas narrativas tradicionais. Enquanto o papel masculino é representado com mais atenção, nesse sentido Martins (2015) destaca que:

Além de as vilãs serem líderes em termos numéricos, pode-se afirmar com segurança que a punição é parte quase exclusiva das experiências e vivências femininas, visto que as transgressões masculinas são muitíssimo mais toleradas e até estimuladas nessas histórias. (MARTINS 2015, p. 32).

Desse modo, são perceptíveis que as consequências levadas por desrespeitar as tradições nas narrativas, se mostram sempre mais frequentes para as personagens femininas, enquanto que para os personagens masculinos são bem mais tolerados, quando se refere a descumprimento de ordens como exemplo temos a obra *Cinderela* que demonstra que após ela ter desrespeitado sua chefe, ela foi trancada em um quarto sozinha. Sendo assim, a mulher necessita de permissão, e se desobedecerem sofreram consequências frequentemente nos contos tradicionais, serão vistas com certa insatisfação por parte dos homens.

Além disso, Martins (2015, p. 32) afirma que: “Enquanto a curiosidade feminina, por exemplo, é violentamente reprimida e castigada nos contos, a masculina é de certa forma exaltada como símbolo do espírito aventureiro do homem”. Sobretudo, a todo o momento é notório que a demonstração da curiosidade feminina é destacada de forma que seja ruim, que causa estranheza, enquanto a representação do masculino causa maior destaque, em meio a inúmeras aventuras vivenciadas pelos mesmos.

Desse modo, Martins (2015, p. 32) destaca que: “A investigação do universo dos contos de fadas tradicionais tem evidenciado que, nessas histórias, a passividade e o mutismo aparecem muito frequentemente ligados à imagem das mulheres”. Nessa perspectiva, é demonstrado nos contos tradicionais, que o papel de silenciamento está sempre relacionado à figura feminina, impossibilitando assim, as mulheres de se posicionar, em meio a sociedade, tornando-as obrigadas a seguirem todas as regras destinadas a elas. Dessa maneira, a mulher é representada com uma figura sem condições de se expressar e se posicionar, tornando-se silenciada, sem poder de fala, sem vez e nem voz perante a sociedade vigente no período.

Como argumenta Martins (2015):

Nos contos de fadas tradicionais, não é fazendo uso de sua capacidade intelectual e perspicácia que as protagonistas costumam encontrar a solução para seus problemas, mas sim através de outros atributos, como beleza, trabalho árduo e refreamento da fala. (MARTINS 2015, p. 33).

Assim, observa-se que não é necessário que a mulher tenha os mesmos direitos que os homens para ganhar destaque, mas sim que cumpra o que lhe é proposto e não descumpra as regras e as ordens dadas pelo patriarca. Percebe-se que a figura feminina deve ter cuidado e moderação com a fala, com as suas atitudes, no sentido de não fazer nada que irá trazer consequências futuras. Desta forma, Martins (2015) destaca que:

Quando nos deparamos com personagens femininas atuantes e criativas nessas histórias, percebemos que uma forte tendência de apresentá-las como vilãs, anormalidades, monstros, verdadeiros demônios que merecem a punição ou destruição, que lhes é geralmente reservada nessas histórias. (MARTINS, 2015, p. 33).

Ademais, percebe-se que a figura feminina é representada de forma a torná-la ruim, que ganha destaque por representar um personagem de caráter ruim, que a todo instante no conto de fadas está prestes a ser destruído ou punido por não satisfazer os princípios destinados ao papel feminino. Por certo, a figura feminina ganha destaque em estar sendo uma vilã e sofrerá as consequências em fazer as coisas que são consideradas erradas, pois é notório nos contos de fadas tradicionais que, muitas vezes, as personagens que se mostram ruins e do mal sempre sofrem no fim com sua morte ou até mesmo são colocadas na prisão, por estarem fazendo o mal e também por não estarem fazendo papéis propostos para mulheres. Enquanto o papel masculino é demonstrado de forma mais valorizado.

Assim Martins (2015) destaca que:

Os contos de fadas não só refletem os referidos mitos, como também podemos sugerir que, da forma como são constituídos, transmitidos e assimilados dentro do processo de socialização, esses contos aparentemente inofensivos apresentam, eles próprios, traços míticos significativos. (MARTINS, 2015, p. 36).

Isto é, os contos de fadas tradicionais representam muito mais que apenas narração, mas também um conhecimento e uma reflexão sobre os períodos passados. Sendo assim, são possíveis visualizar a submissão, a falta de liberdade e poder sofrida pelas mulheres, como também a dominação provocada pelo poder patriarcal. Tornando assim a interpretação dos leitores mais crítica em relação aos acontecimentos e representação da mulher naquele período. Certamente, as narrações de fadas tradicionais enfatizam uma visão mais voltada para a questão feminina como um algo relacionado para casar, cuidar família e do lar. Sendo que a figura feminina pode ser representada de várias outras formas, até mesmo praticando as funções semelhantes ou iguais ao papel masculino. Nesse sentido, Narvaz e Koller, (2006) destacam que:

Nessa trajetória, identificamos que valores patriarcais atravessaram os tempos e deixam suas marcas ainda na atualidade, a despeito das conquistas sociais e dos dispositivos legais que postulam a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Tais discriminações são uma forma de violência de gênero e de violação dos direitos humanos das mulheres. (NARVAZ e KOLLER, 2006, p. 49).

Em suma, percebemos que as regras impostas pelo poder patriarcal prevalecem nos diversos períodos, trazendo também para a atualidade as devidas regras e marcas, tornando assim a figura feminina presa às regras. Desde o momento que a princesa nasce ela se torna destinada ao casamento, sem obter o poder de escolher seu destino, até o direito de obedecer, impossibilitando a figura feminina a obter suas conquistas, tornando a personagem feminina um ser sem direitos e igualdade perante o meio social, esses traços percorrem as trajetórias de muitas mulheres quando se refere à realidade, tirando assim, algo que se mostra ser imaginário, e trazendo para a realidade, assim, os contos de fadas tradicionais podem refletir na realidade. Como Martins (2002) destaca que:

Os contos de fadas estão carregados de valores pertencentes ao contexto em que foram criados, mas abordam questões consideradas universais e atemporais, como os conflitos familiares, as relações de poder, a formação de valores, sempre misturando realidade e fantasia. Daí o seu fascínio e sua importância tanto no ambiente familiar, quanto na escola. (MARTINS, 2002, p. 12).

No entanto, os contos de fadas podem expressar e transmitir os inúmeros valores e princípios, abordando sempre as diversas questões, envolvendo a figura feminina juntamente com as questões relacionadas ao poder, dominação e a família, enfatizando

os acontecimentos da sociedade através da fantasia atrelada na realidade. As narrações de fadas tradicionais revelam um ensinamento voltado para a figura feminina, sempre destacando as formas na qual esta figura é representada, transmitindo as regras impostas pelo poder dominante. Assim Martins (2015) destaca que:

Nas culturas patriarcais, as mulheres são reduzidas à função materna, ou seja, à reprodução. O problema da abjeção reside no fato de que, ao rejeitarem a função materna, estariam também sendo rejeitadas as mulheres, a maternidade e a feminilidade. (MARTINS, 2015, p. 71).

Nesse sentido, as mulheres eram vistas apenas como um corpo proposto para a obrigação da maternidade, ou seja, apenas para ter filhos e ocupar-se com o cuidado dos mesmos. Como nos contos de fadas tradicionais a figura feminina é vista apenas com a obrigação de ter o cuidado com os filhos, e ao negarem e se impor a essa função, sofreriam as punições necessárias, sendo vistas com olhares de rejeição, e estariam recusando a obrigação feminina. O poder patriarcal se mostra de fundamental contribuição na obrigação da figura feminina ter a função de ser responsável pelos cuidados dos filhos, não tendo assim o direito de exercer outra função a não serem os cuidados do lar.

Desta forma, Narvaz e Koller, (2006) afirmam que:

Se o papel prescrito aos homens na família patriarcal burguesa relaciona-se ao sustento econômico, o papel prescrito às mulheres é o de que sejam cuidadoras do marido, do lar e dos filhos. Essa prescrição parece ter atravessado os séculos, materializando-se na crença de que a mãe deveria dedicar-se integralmente aos filhos [...]. (NARVAZ e KOLLER, 2006, p. 52).

Para essa atribuição está inserida na sociedade a todo o momento, desde os tempos remotos até os dias atuais, sendo representada nos contos de fadas tradicionais e relacionada à realidade, mostrando que esse atributo está interligado a vida real, devido às discriminações sofridas pela figura feminina. A questão relacionada à figura feminina está atrelada as mulheres durante os tempos remotos até os dias atuais. A mulher será sempre vista com um olhar preconceituoso, sempre aptas a ficarem responsáveis pelos cuidados dos filhos, do marido e do lar, impossibilitadas de exercer quaisquer funções que não seja destinada aos papéis seguidos pela figura feminina.

Narvaz e Koller, (2006, p. 51) ainda destacam que “As diversas formas de discriminação e de violência contra as mulheres são manifestação de relações de poder historicamente desiguais”. Portanto, trata-se de uma consequência destinada à mulher desde os primórdios iniciais, na qual a figura masculina tem carregado essa relação de

poder e desigualdade, sobre a mulher até os dias atuais. Sendo assim, Martins (2002) destaca que:

Ao ouvir e/ou ler histórias, a criança poderá fazer associações entre os personagens e as pessoas com quem lida no seu dia-a-dia. Um bom exemplo dessa ligação pode estar na representação da figura feminina na vida da criança. Em grande parte de seu tempo, ela se mantém em contato com pessoas do sexo feminino (irmãs, mãe, madrasta, tias, avós, professoras) que, de alguma forma, influenciam na sua formação. (MARTINS, 2002, p. 12).

Visto que, o conto de fadas age como um fundamental aliado na associação entre imaginação e realidade, influenciando as crianças na forma de imaginar e interpretar os acontecimentos da realidade, fazendo com que as mesmas façam a observação e compreensão dos contos de fadas de forma mais crítica. Sendo assim, os contos de fadas tradicionais expressas essa questão do poder dos homens sobre as mulheres, a questão de a mulher não ter a liberdade de escolha, na qual as crianças podem estar observando esses comportamentos em seus dia-a-dias, tanto no imaginário como na realidade. Conforme Martins (2002):

Em Chapeuzinho Vermelho, conto de Perrault, a personagem principal é uma menina que deve ser obediente e boazinha. Os mesmos valores são transmitidos em contos como Branca de Neve e João e Maria, dos Grimm, e Cinderela, de Perrault. Como crianças, essas meninas devem apresentar o mesmo perfil: obedecer sempre aos adultos (mãe, pai, madrasta ou qualquer outro adulto), passivamente, demonstrando bondade e pureza de coração. Em todas essas histórias, as meninas são também apresentadas como belas frágeis e dependentes. (MARTINS, 2002, p.13).

Nessa perspectiva, é percebida essa necessidade que as personagens femininas têm de obedecer, e serem belas e boazinhas, vistas com um olhar de extrema importância. Assim, a figura feminina mostra-se está sendo sempre representada como um ser totalmente fragilizado e dependente da figura masculina. Esses princípios se atrelam em todas as histórias referentes aos contos de fadas tradicionais, e essas narrativas servem de modelos para as famílias da realidade assim como é demonstrado no mundo imaginário. Então, é necessário que haja uma modificação em relação aos contos de fadas, é fundamental que se tenha uma nova visão, principalmente em relação ao papel desempenhado pela figura feminina.

2.3 O papel da mulher na narrativa infantil e juvenil contemporânea

O papel da personagem feminina na narrativa infantil e juvenil foi se modificando, e atualmente está sendo mais diversificado ainda, com o advento dos direitos e igualdade garantida pelas mulheres esse papel foi sendo modificado e

ganhando cada vez mais destaque. Assim no decorrer dos tempos nas histórias infantis, a personagem feminina tem alcançado protagonismo, e o mesmo vem ocorrendo na sociedade a mulher está sempre cobrando o direito de ser aceita de forma igualitária.

Nesta perspectiva, ao longo da trajetória a mulher se encontrava sempre sendo considerado um ser inferior ao homem. As mulheres eram apenas criadas para os serviços domésticos e para o cuidado do lar, sempre sendo excluída dos trabalhos e decisões perante a sociedade, assim os seus direitos eram negados. No entanto, através dos tempos as mulheres iniciaram uma reivindicação em busca de conseguirem seus direitos, principalmente, o reconhecimento no meio social, assim como os homens são reconhecidos. Desse modo, no decorrer dos séculos, a mulher tem ganhado cada vez mais espaço e destaque em inúmeros campos mesmo que seja a passos lentos, mas vem conseguindo. Então, Zolin (2009) afirma que:

Desde a década de 1960, com o desenvolvimento do pensamento feminista, a mulher vem se tornando objeto de estudo em diversas áreas de conhecimento, como a Sociologia, a Psicanálise, a História e a Antropologia. Também no âmbito da Literatura e da Crítica Literária, a mulher vem figurando entre os temas em encontros, simpósios e congressos, bem como se constituindo em motivo de inúmeros cursos, teses e trabalhos de pesquisa. (ZOLIN, 2009, p. 217).

A sociedade passou a reconhecer a importância do papel da mulher, embora ainda hoje ela siga buscando um espaço cada vez maior e uma voz, passando a ter um importante papel na sociedade e assim vai ganhando seus direitos aos poucos, de forma lenta, porém, vai conquistando, e almejando o que deseja. O movimento feminista entra como uma principal corrente de força e de luta criado e liderado por mulheres em busca de direitos iguais, e de serem ouvidas, deixando assim, de ser apenas destinadas ao marido e ao lar, mas sim a mulher passa a ser reconhecida perante o meio social e ter maior representatividade e direitos reconhecidos, como podemos perceber que no âmbito da literatura a protagonista feminina está sendo mais evidenciada e com maior relevância perante as histórias infantis contemporâneas. Assim, Zolin (2009) confirma que:

Nas últimas décadas, muitas facções críticas defendem a necessidade de se considerar o objeto de estudo em relação ao contexto em que está inserido; de alguma forma, tudo parece estar interligado. No que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão deve muito ao feminismo, que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. Do mesmo modo que fez perceber que o estereótipo feminino negativo, largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher. (ZOLIN, 2009, p. 217).

Desse modo, através do movimento feminista, a mulher tem conquistado cada vez mais espaço, deixando assim de obedecer à postura do homem, e com base no crescimento do movimento feminista, ela também foi ganhando destaque na literatura, como podemos perceber no conto *A princesa que escolhia* (2017), de Ana Maria Machado. Em inúmeros contos literários infantis, é perceptível essa mudança em apresentar o papel feminino de forma mais liberta, assim como também mostrar a mulher com seus direitos de escolha, e transmitir aos leitores, essa ideia da liberdade, e a importância que a mulher tem perante a sociedade.

A felicidade destinada às personagens femininas nas narrativas infantis clássicas se relaciona sempre com as ações feitas por outros personagens, tais como: ganhar um presente tão sonhado; encontrar a pessoa amada para poder se casar e assim viver feliz para sempre; bem como encontrar uma pessoa que possa ajudar a superar os medos. Já nos contos de fadas contemporâneos as mulheres deixaram de ser vistas como um ser que já tem seu futuro destinado.

A mulher se encontra em constantes buscas por sua representação social igualitária, por mais que se tenham as constantes lutas e as inúmeras conquistas durante tempos, a mulher ainda se encontra como um ser delicado, dependente, frágil, sentimental e com a imagem associada à figura materna. Nesse sentido, Perrot (2005, p. 197) afirma que: “Os campos que eles abordam são os da ação e do poder masculinos, até mesmo quando eles se aventuram por novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva”. Assim, a mulher está sempre sujeita à submissão masculina, determinada para o lar e para cuidar dos filhos, caso contrário ela é observada com um olhar diferenciado e julgador. Enquanto isso, o homem, muitas vezes, é apresentado como um dominador.

Nos contos de fadas contemporâneos a personagem feminina é representada de forma diferente, ou seja, ela é livre para fazer e realizar as suas escolhas, além de não buscar mais o par perfeito, como era vista nas histórias clássicas. Sendo assim, Martins (2015, p. 34-35) destaca que: “Nas revisões, mulheres que transgridem, subvertem e desobedecem às normas não são apresentadas como anormalidades, mas como figuras criativas, ousadas”. Com base nisso, nos textos que são revisados e, conseqüentemente, repassados para a contemporaneidade, as personagens femininas que desobedecem às regras não são observadas como um ser anormal, mas como algo bom, entre outros atributos positivos para as personagens femininas. Assim, Perrot (2005, p. 199) afirma que: “No entanto, são as mulheres em ação que interessa encontrar, inovando em suas práticas, mulheres animadas e não mais autômatos, mas criando elas mesmas o movimento da história”. Assim, com o desenvolvimento da sociedade e, principalmente,

da figura feminina, as mulheres estão em constantes destaques por estarem em procura contínua por aceitação. Nessa perspectiva, ~~Martins (2015) aponta que:~~

[...] diferentemente do que ocorre nos contos tradicionais, nos textos revisionistas observa-se uma ênfase especial nos aspectos positivos desses gestos que não respeitam fronteiras de gênero, definidas no modelo patriarcal, ainda que, em alguns casos, isso não seja muito bem aceito ou compreendido pela sociedade na qual as personagens se encontram inseridas. (MARTINS, 2005, p. 35).

Desse modo, os contos contemporâneos, os quais tratam de textos revisados a partir de outras narrativas já existentes, as personagens femininas não têm obrigação de obedecer a uma ordem, ou ao poder patriarcal, mas sim é apresentada como um ser corajoso que ultrapassa as fronteiras e as regras. Por mais que a sociedade ainda não venha fazer a aceitação, mas a mulher vem sempre tendo mais destaque e sendo vista com mais coragem. Nota-se que a curiosidade da criança se conta bastante presente nos contos de fadas contemporâneos, e isso está sendo atrelado de forma bastante abrangente, na qual as princesas infantis buscam sempre vivenciar experiências novas, sem medo e com bastante bravura. Sendo assim ~~Martins (2002) destaca:-~~

Uma das poucas semelhanças entre as personagens crianças nos contos tradicionais e contemporâneos é a curiosidade apresentada por elas, com a diferença de que a menina do conto contemporâneo pode satisfazer, sem culpa, suas curiosidades, enquanto a outra deve ser obediente e recatada, sob pena de ser castigada. (MARTINS, 2002, p. 13).

Dessa forma, ainda é notória certa semelhança nos contos tradicionais e contemporâneos, visto que os dois retratam personagens femininas totalmente carregadas de curiosidade em conhecer e viver experiências novas. Mas sempre vindo com as diferenças nas quais a personagem feminina do conto tradicional tem que seguir todas as tradições impostas pelo poder dominante, sendo obrigada a aceitar e obedecer a todo o momento, já a personagem feminina da narrativa contemporânea, tem o privilégio de poder conhecer e experienciar todas as sensações e prazeres presentes no ambiente novo e na sociedade moderna.

E com a modernidade que está ocorrendo atualmente, à personagem feminina está sendo representado de forma mais realçada tanto na literatura como no meio social, não apenas com um olhar de cuidadora do lar, mas como uma pessoa que necessita de todos os cuidados e que merece ter maior representatividade e respeito. Nesse sentido Coelho (1991) argumenta que:

Só através dessa perspectiva, a de um mundo em mutação acelerada de suas antigas bases, é que se pode compreender melhor as transformações que se

vêm processando na voz feminina que, nestes últimos cinquenta anos e cada vez com mais força e essencialidade, se vem fazendo ouvir na Literatura Brasileira (COELHO, 1991, p. 94).

Nessa perspectiva, com o advento das transformações que vem ocorrendo no meio social à mulher está sendo cada vez mais caracterizada de forma positiva, com maior respeito e mais aceitação. Sendo assim, com base nas modificações que estão acontecendo, a representatividade feminina está alcançando suas devidas aceitações diante do meio e tendo mais destaque perante a visão masculina.

Assim, a literatura infantil e juvenil brasileira vem expressando de forma bastante clara que as mulheres nos contos estão tendo um olhar diferente em relação aos acontecimentos, conforme Ana Maria Machado nos apresenta em sua obra *A princesa que escolhia* (2017). Nessa narrativa, a escritora mostra uma princesa totalmente diferenciada das tradicionais, sendo vista como uma personagem com liberdade para fazer suas próprias escolhas, e não ser obrigada a seguir os costumes mencionados pela tradição dos antepassados. Assim, a literatura acompanha os movimentos sociais e políticos que acontecem na sociedade.

Martins (2015) afirma que nas narrativas contemporâneas a figura masculina deixa de ganhar o destaque que alcançava nas narrativas tradicionais, mostrando serem personagens que atrapalham a trajetória feminina. Assim, o que mais interessa nessas narrativas são as personagens femininas e o percurso traçado por elas. Martins (2015, p. 68) ainda afirma que: “[...] uma das características marcantes do revisionismo feminista dos contos de fadas é o seu aspecto desobediente e transgressor”. Portanto, os contos contemporâneos trazem certa rebeldia por parte da personagem feminina, visto que ela quebra os paradigmas sem medo dos perigos, sem medo do poder patriarcal, mas sempre com vontade de ir muito além dos muros do castelo. Com uma vontade de quebrar os conceitos dessa divisão de tarefas, e sim buscar essa ideia da mulher livre, com os seus devidos direitos reconhecidos por todos. A moça busca a todo o momento esse poder de romper a ideia de que só tem a função de cuidar do lar, mas sim trazer a perspectiva de que lugar de mulher é onde ela totalmente deseja, sem poder sofrer com divisão de tarefas, de posição social, mas sim ter direitos iguais e poder fazer ter vez e voz na história humana, inclusive no meio literário.

Sendo assim, Perrot (2005) afirma que:

Podemos amar sua beleza, mas recusamos sua pretensão de contar também a história das mulheres, mascarada sob os traços de uma dramaturgia eterna - em algum lugar, sempre, o coro das mulheres -, e de uma simbologia fixa no jogo dos papéis e das alegorias. É preciso se libertar destas imagens porque elas modelam a história em uma visão dicotômica do masculino e do

feminino: o homem criador / a mulher conservadora. O homem revoltado / a mulher submissa etc. (PERROT, 2005, p. 200).

Nessa perspectiva, a trajetória feminina é marcada por essa divisão de papéis entre o masculino e o feminino, mas é necessário modificar a idéia de que a mulher é submissa e tem o papel de obedecer. É por esse motivo que a figura feminina está sempre em busca de transgredir a submissão, pois esse traço está atrelado à trajetória feminina desde os primórdios da sociedade até os dias atuais. Então, para que de fato essa mudança ocorra é necessária uma luta contínua por parte da figura feminina, para que assim não deixe de ser esquecida. As narrativas contemporâneas já enfatizam a personagem feminina de forma mais rebelde, com direitos iguais aos dos homens, na qual a feminina vem construindo seu percurso e sendo respeitada, e ouvida por estarem em constante busca por seus direitos.

Apesar das mudanças que vêm ocorrendo na sociedade e na representação da mulher na literatura, Martins (2002, p. 14) afirma que: “Nos contos contemporâneos, algumas vezes, a menina até realiza algumas atividades domésticas, como fazer bolo, por exemplo,”. Sendo assim, é possível perceber que ainda existem certas semelhanças presentes no conto contemporâneo, mostra alguns traços positivos e prazerosos para as personagens femininas, em que elas apenas praticam tais atividades por prazer e diversão, não por uma obrigação constante, como ocorre nos contos de fadas tradicionais, na qual as mulheres têm a obrigação de cuidar das atividades pertencentes à casa. Com isso, é perceptível essa transformação da idealização da mulher nas histórias infantis contemporâneas, sendo destacada sempre de forma mais bela, e bem acolhida, não sendo vista como algo estranha, mas sim algo que deixa todas as pessoas em situação de igualdade. Então, Martins (2015) afirma que:

[...] a transformação das narrativas tradicionais é feita de tal forma que, apesar de ser possível para o leitor reconhecer o(s) conto(s) de fadas que está (ão) sendo trabalhado(s) nos textos revisionistas, algo diferente lhe salte aos olhos, não havendo como ignorar que esteja diante de uma *outra* história, em outro contexto que vem desestabilizar as interpretações convencionais cristalizadas dentro da tradição. (MARTINS, 2015, p. 54).

Sendo assim, por mais que se tenham as modificações nas narrativas contemporâneas, ainda são perceptíveis alguns traços das narrativas tradicionais presentes nos contos infantis contemporâneos, visto que, por mais que tenha alguns traços é transmitida uma narrativa na qual o leitor venha a ter uma nova interpretação a cerca do conto, o mesmo perceba a ideia do novo, e as transformações que estão sendo feitas nas narrativas contemporâneas, por conta dos acontecimentos que estão sempre se modificando em meio à sociedade, as histórias também são transformadas e estão bem

mais voltadas para a questão da modernidade ao decorrer dos tempos. Assim, Coelho (1991) destaca que:

Em maior ou menor grau, a Crítica literária atual empenha-se em detectar as relações entre a obra e a atmosfera cultural em que ela “respira”. E, a partir dessas relações, caracterizar a linguagem criada, a vibração de sua matéria poética e os inúmeros aspectos que fazem dela uma obra literária autêntica e “contemporânea”. (COELHO, 1991, p. 92).

Nesse sentido, com base em tudo que vem ocorrendo à literatura está carregando certa relação com os acontecimentos culturais que prevalece no período, como podemos observar que as histórias infantis estão trazendo traços da modernidade, ou seja, é por meio dos acontecimentos locais e da sociedade que a obra literária se constitui. Como mostra atualmente na qual as personagens femininas contemporâneas, trazem aspectos e costumes da realidade a qual estão inseridas. Como, por exemplo: ir à escola, viajar e conhecer o mundo, então é notório que esses costumes e marcos, estão presentes na sociedade atual, e a menina dos contos de fadas mostra ser sonhadora e realizadora dos seus sonhos, assim como a mulher da atualidade.

Como explica Martins (2015):

“Era uma vez” e “foram felizes para sempre”: assim começa e termina um número considerável de histórias que acabaram consagradas na tradição dos contos de fadas. Tais fórmulas tornaram-se tão emblemáticas desse gênero que sua simples menção nos remete à ideia de um reino mágico, onde tudo é possível. (MARTINS, 2015, p. 79).

Percebemos que as histórias infantis tendem a trazer certo sentido, de que a princesa inicia sua trajetória e termina com a ideia do foram felizes para sempre, ou seja, ao tomarmos contato com leituras infantis sentimos o aconchego do conto, do imaginário, na qual temos certa sensação de como se inicia e como irá terminar com um final feliz, por esse motivo os contos infantis nos dão a ideia de que tudo é possível acontecer.

Dessa forma, percebemos que no mundo imaginário essas características estão em constante percurso na qual a princesa necessita de um príncipe que a salve, para assim serem felizes para sempre. O conto vem iniciando com a expressão “Era uma vez...” mencionada na citação acima, que é uma frase que inicia praticamente todos os contos infantis. Porém, na questão do conto de fadas contemporâneo, o “feliz para sempre” se mostra totalmente diferenciado, na qual a personagem feminina não necessita casar-se para ser feliz para sempre, pois a princesa faz suas próprias escolhas, e assim, decide como quer que seja o seu “feliz para sempre”.

Então, a representação feminina no conto infantil, não necessariamente precisa está atrelado aos cuidados da casa, mas sim a figura masculina pode estar colaborando nos afazeres domésticos, para que aconteçam de fato os trabalhos de forma igualitária.

Perrot (2005) destaca que:

Os trabalhos da casa não são o apanágio exclusivo das mulheres e os homens podem colaborar neles: por exemplo, a preparação de certos alimentos é sua tarefa. A indústria têxtil em domicílio teria acentuado esta fluidez testemunhos e imagens mostram trocas de papel em que o homem cozinhava ou varria e a mulher terminava a sua peça. A unidade de lugar, associando em um mesmo espaço domicílio e trabalho, produção e consumo é favorável a esta alternância de resto, limitada. Por outro lado, o chefe da família é o homem. (PERROT, 2005, p. 201).

É notório que o papel masculino deveria estar distribuído de forma igual, na qual tanto a mulher como o homem devem trabalhar em conjunto, e assim todos possam administrar o lar, e retirar a ideia de que o homem é o chefe da família, demonstrando que tanto o homem como a mulher podem chefiar uma família.

Nesse sentido, os afazeres da casa devem ser destinados aos homens e mulheres, para ocorrer uma sociedade de forma justa com todos, e assim, a figura feminina vai ganhando destaque, conquistando espaço, e sendo aceita pela sociedade.

Então, Martins (2002) afirma que:

Em relação ao comportamento, na maioria dos contos atuais, a jovem não se sente fragilizada, nem dependente da figura masculina. Ao contrário, quer apresentar-se sempre em uma relação de igualdade com o homem, o que demonstra um avanço em termos de preconceitos contra a mulher. (MARTINS, 2002, p. 16).

É perceptível que nos contos contemporâneos a mulher está se mostrando mais determinada, visto que, esse avanço sobre a ideia da mulher de forma igualitária e corajosa é bem observado em meio aos acontecimentos que estão bem recorrentes na sociedade atualmente, na qual essa aceitação está sendo bem mais reconhecida e bem mais destacada.

Então, no que se refere ao percurso feminino nos contos de fadas contemporâneos é perceptível essa relação da mulher com a igualdade acerca da posição masculina, na qual a mesma não se mostra ser submissa, mas está sim, em constante luta contra esta submissão, mais livre e sempre conquistando cada vez mais seus espaços. Perrot (2005, p. 202) ressalta que: “Apesar de tudo, a dona de casa depende do salário de seu homem. Ela sofre com isso e recrimina, chegando até a ser agredida”. Nesse sentido, as mulheres que são dependentes de seus maridos sofrem inúmeras agressões para conseguirem ter uma condição financeira merecida.

É notório que as personagens femininas tanto dos contos de fadas tradicionais como na sociedade daquela época eram bem dependentes de seus maridos, e atualmente na sociedade contemporânea e na narrativa também é percebido a mulher sendo mais independente, mas sim, conquistando seu próprio espaço através do seu esforço não dependendo da figura masculina.

Martins (2015, p. 136), ainda destaca que a: “[...] tarefa empregada pelo revisionismo, que consiste em mudar posições, e provocar novas formas de olhar as mesmas paisagens”. Com base no que foi explanado na citação o revisionismo tem o objetivo de fazer uma revisão em torno dos contos de fadas tradicionais, e mostram uma nova versão da história que são recontadas nas narrativas contemporâneas, visto que a revisão desses clássicos tem um papel fundamental de mostrar os elementos narrativos tradicionais que se acentuam de forma profunda com as contemporâneas, mas com um olhar atual acerca das histórias, com sentidos diferentes, dando destaque, principalmente, às personagens femininas, tornando-as mais libertas e com desfechos diferentes dos que eram relatados nos contos de fadas tradicionais, por esse motivo que a citação a cima enfatiza a questão de olhar a mesma paisagem, mas com diferentes formas.

Então, percebemos que tanto o conto “Rapunzel” quanto o conto “A Princesa que escolhia” mostram princesas que ficaram por longo período no alto de uma torre, e assim percebemos que se trata de imagens semelhantes. No entanto, as narrativas deixam claro que em um conto uma princesa precisa de um príncipe para salvá-la e no outro conto a princesa consegue se salvar por meio do conhecimento que adquiriu estudando no alto da torre. Ou seja, trata-se de uma nova roupagem, mas de forma que as mulheres sejam mais aceitas, bem mais enfocadas e com maior respeito perante o seu meio social. Visto isso, Martins (2002) argumenta que:

Acredito que não serão necessários cem anos mais para que a mulher seja respeitada como cidadã, independentemente de questões de gênero, pois estamos passando por uma fase de transição. E, apesar de ainda existirem alguns autores contemporâneos repetindo muitos preconceitos dos contos de fadas tradicionais, considerados ultrapassados, como, por exemplo, a passividade da figura feminina frente ao mundo masculino, esse conteúdo pode ser bem trabalhado pelos pais e, principalmente, pelos professores. (MARTINS, 2002, p. 21).

Com isso, observamos que no decorrer das modificações que vem acontecendo no âmbito social, às mulheres estão cada vez mais obtendo seu devido reconhecimento, por mais que seja de forma vagarosa, mas almejando sempre o melhor e maior direito para si. Sendo assim, percebemos que aos poucos a mulher adquire o respeito necessário, visto que estamos em constante evolução do pensamento humano em relação

ao papel feminino na sociedade contemporânea. E isso é alcançado, também, através das narrativas, filmes, novelas, entre os inúmeros exemplos que servem para moldar o pensamento das pessoas. Aos poucos o corpo social está aceitando e reconhecendo o papel da mulher na sociedade, por mais que ainda se tenha vestígios de preconceito. Perrot (2009, p. 23) vem destacando que: “As mulheres eram tidas como a representação do privado, e sua participação ativa como mulheres em praça pública era rejeitada por praticamente todos os homens”. Nesse sentido, para muitos homens a figura feminina não pode estar praticando algo diferenciado a não ser cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos, conforme podemos observar nos contos de fadas tradicionais. Já nos contos contemporâneos, a figura feminina pode sair da zona de conforto e se aventurar, passear, se divertir sem medo e com vontade de ser feliz e livre, assim como a mulher da sociedade contemporânea.

Percebemos uma característica bastante interessante, na qual os finais dos contos infantis contemporâneos mostram narrativas sem um fim determinado, ficando apenas a critério da interpretação do leitor. Como Martins (2015) argumenta que:

O que realmente predomina nas releituras sobre investigação são os finais deixados em aberto, sem soluções definitivas. Diferentemente do que ocorre em relação aos contos de fadas, no caso do revisionismo esse tipo de conclusão não representa, de forma alguma, um ponto final. Na maioria das vezes, multiplicam-se em nossas mentes os pontos de interrogação. (MARTINS, 2015, p. 140).

Com isso, é notório que o fim da narrativa nos contos de fadas contemporâneo é sempre deixado por conta da imaginação e interpretação por parte do leitor, e assim, o mesmo pode fazer suas diversas indagações e, conseqüentemente, imaginar os diversos finais. Ou seja, é observado que nos contos de fadas contemporâneos não tem um fim definitivo para a narrativa, é sempre deixado em aberto para que o leitor faça suas próprias interpretações e, assim, possa concluir. Temos como exemplo a narrativa *A princesa que escolhia* (2017) de Ana Maria Machado, no qual o final da narrativa é incerto, não é apresentado um fim definitivo, não se sabe se foram felizes para sempre, ou se estão estudando e trabalhando, mas sim as conclusões e interpretações finais ficam por conta do leitor, ou seja não existe um final feliz, com casamento e príncipe, característica essas que é tão comum nas narrativas tradicionais.

Sendo assim, a literatura através do imaginário nos mostra essa possibilidade de imaginarmos diferentes formas de interpretamos o mundo, trazendo meios e caminhos para que possamos solucionar os problemas presentes nas narrativas. E assim Coelho (2012) evidencia que:

E, nesse sentido, a literatura cumpre um papel. Pela *imaginação*, varinha de condão capaz de revelar o homem a si mesmo, a literatura vai-lhe desvendando mundos que enriquecem seu viver. O objetivo último da literatura é a *experiência humana*, o convívio com ela. (COELHO, 2012, p. 124).

Visto isso, a literatura tem a capacidade de transmitir ao ser humano a ideia de decodificação dos inúmeros mistérios existentes no meio social, e assim, transmitir os conhecimentos necessários para o ser humano, ou seja, a literatura mostra ter o poder de desvendar os mistérios presentes no mundo. Através dela é possível experiência as inúmeras fragilidades e trazer os ensinamentos indispensáveis para a vivência humana, principalmente, os aprendizados para os pequenos leitores, tornando-os leitores críticos e com um olhar mais reflexivo para a sociedade.

Ana Maria Machado mostra que as personagens femininas têm voz e vez em meio ao olhar da sociedade. E é importante que essa perspectiva da trajetória feminina seja respeitada e reconhecida. São perceptíveis semelhanças e diferenças em torno dos contos de fadas tradicionais e contemporâneos, uma vez que a semelhança é a questão da narrativa, que apresenta um reino, o fato do maravilhoso, e a diferença é essa mudança do comportamento da princesa, ela é representada como corajosa, deixando de ser submissa.

Martins (2015, p. 169) ainda afirma que: “[...] com o claro propósito de denunciar o aprisionamento da figura feminina dentro dos enredos das narrativas tradicionais [...]”, as histórias contemporâneas têm o objetivo de libertar a figura feminina da prisão determinada pelo poder masculino, poder esse determinado pelo patriarcado ao longo dos séculos. Portanto, a figura feminina vem sendo bem enaltecida nas narrativas infantis contemporâneas, na qual se mostram de forma bastante atualizada, e com maior importância. Então, Martins (2015) assevera que:

Nesses textos, as autoras optam por apresentar contos consagrados a partir do ponto de vista das personagens femininas, o que permite a imersão de vozes e de significados marginalizados ou silenciados nas histórias originais, podendo, com isso, provocar mudanças na percepção do leitor. (MARTINS, 2015, p. 170).

Com base no que foi dito, observamos que com uma interpretação diferenciada das tradicionais, a figura feminina nas histórias contemporâneas é sempre representada de forma livre e capaz de salvarem-se sozinhas, sem precisar de um príncipe para que possa salvá-la e livrá-la dos perigos. E, então, os leitores ao ter um contato com essas respectivas narrativas tendem a adquirir um olhar diferenciado acerca da história e, conseqüentemente, passa a entender e reconhecer a figura feminina como representativa de um novo posicionamento. Os leitores tendem a entender uma nova ideia a respeito da

mulher, percebendo que a mesma pode ser representada de forma bem respeitada e igualitária.

Nessa perspectiva, os contos de fadas contemporâneos mostram uma perspectiva totalmente diferenciada dos contos tradicionais, nas quais as princesas ganham maior destaque, e livres do aprisionamento que as cercam desde os séculos passados. Tanto a mulher da sociedade contemporânea quanto a do conto, vem sendo reconhecida e adquirindo seu espaço, e os contos de fadas vem dando um maior enfoque no que se refere ao papel feminino e a transformação da mulher no conto através dos acontecimentos que vem decorrendo na sociedade, devido à contínua luta feminina pelos direitos, pela igualdade, pela não submissão, pela importância de ser reconhecida.

E Ana Maria Machado enfatiza bem em sua obra a ser analisada, refletindo de forma bela o papel da mulher no conto *A princesa que escolhia* (2017), mostrando sempre uma princesa que necessita ajudar o seu reino, para que assim seja reconhecida e como recompensa tenha o seu direito de escolha reconhecido, e tem um final que deixa ser concluído pela interpretação do leitor.

3. REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CONTO *A PRINCESA QUE ESCOLHIA* (2017), DE ANA MARIA MACHADO

O presente tópico visa desenvolver uma análise literária a respeito da obra intitulada *A princesa que escolhia* (2017), da autora Ana Maria Machado. Nessa obra a escritora apresenta uma narrativa voltada para a liberdade feminina. Esse conto narra à história de uma princesa muito boazinha, bem-comportada, que vivia em um belo castelo, mas em um certo dia a princesa resolveu dizer não. Então, seu pai não gostou da sua atitude e a colocou de castigo na torre do palácio, pois na visão de seu pai as princesas só serviam para serem belas e boazinhas.

Diferentemente dos contos clássicos, a princesa não esperou um príncipe encantado que pudesse salvá-la, ela buscou uma solução por conta própria. Assim, do alto da torre a princesa podia perceber que o mundo ia muito além dos muros do castelo, pois a torre dava acesso ao jardim e a uma biblioteca. Nessa biblioteca, ela tinha acesso a um computador, que inclusive era conectado a *internet*. Dessa forma, a princesa estava mais livre, pois podia ler todos os livros da biblioteca e podia acessar a *internet*. Nessa torre a princesa conheceu a família do jardineiro, assim teve contato com pessoas que não pertenciam ao palácio do rei. Passado alguns dias, o rei se encontrou desesperado devido a uma doença que estava assustando o reino. Então, a princesa com sua sabedoria conseguiu a cura para a doença e seu pai tirou-lhe do castigo, dando-lhe a liberdade de escolher um presente, e ela escolheu o direito de poder fazer suas próprias escolhas.

Conforme percebemos na narrativa, a princesa buscou um caminho para alcançar a sua liberdade. Com isso, podemos observar que a representatividade da personagem feminina, ao longo dos tempos nas narrativas infantis e juvenis foram se modificando. Com base nos avanços relacionados ao comportamento feminino, e de acordo com o desenvolvimento dos direitos igualitários que as mulheres vêm garantindo, elas estão assumindo e ganhando cada vez mais espaço tanto na sociedade como na literatura.

Nessa obra, Ana Maria Machado apresenta uma princesa que se mostra cansada de ser boazinha e obediente, deixando de falar sim para tudo e todos. E assim se inicia o rompimento da tradição que coloca a princesa sempre como boazinha e apresenta uma mulher que rompe com o padrão clássico de comportamento. Daí em diante se inicia uma contínua luta da princesa para garantir o seu tão sonhado direito de escolha, uma vez que as mulheres são sempre vistas com um olhar de estranhamento quando se recusa a praticar ações que são vistas como não pertencentes a elas. Assim, Perrot (2005, p. 197) afirma que “Os campos que eles abordam são os da ação e do poder masculinos, até mesmo quando eles se aventuram por novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva”. Como podemos perceber na narrativa de Ana Maria Machado

(2017, p. 6): “Todo mundo se espantou muito. A mãe que também era boazinha demais, quase desmaiou de susto”. Isso acontece porque a mulher se encontra constantemente submissa ao poder masculino, sempre determinada para o cuidado do lar e dos filhos. Quando ocorre o contrário, a mulher desobedecer às ordens, isso causa estranhamento. Sendo assim, a partir do momento que a princesa falou não, todos ficaram assustados e ela foi sendo vista com um olhar de estranhamento por parte dos demais, principalmente da sua mãe. Assim, Ana Maria Machado mostra uma personagem diferenciada, com mais coragem e determinação em busca de seus devidos direitos.

Segundo os estudos de Narvaz e Koller, (2006, p. 50) destacam que: “O corpo e a sexualidade das mulheres passaram a ser controlados, instituindo-se então a família monogâmica, a divisão sexual e social do trabalho entre homens e mulheres”. Como relata na narrativa de Ana Maria Machado (2017, p. 6): “O pai dela, que era todo metido a mandachuva, ficou furioso. Ele era do tipo que achava que príncipe serve para andar a cavalo, enfrentar gigantes e matar dragões, mas que princesa só serve para ficar aprendendo a ser linda e boazinha, enquanto seu príncipe não vem”. Dessa forma, é perceptível na narrativa essa distinção do papel feminino e masculino, no qual a princesa não tem os mesmos direitos que o príncipe, na visão do seu pai a princesa tem apenas que obedecer.

Nos contos de fadas tradicionais, o que prevalece é essa questão da personagem feminina demonstrar obediência, que almeja sempre o cuidado para não desrespeitar o patriarcado. Essa é uma das características dos contos infantis tradicionais, que aos poucos foram se modificando. Como menciona a autora Ana Maria Machado (2017, p. 6), a princesa: “Vai ficar trancada na torre! Só sai de lá quando voltar a ser boazinha”. Dessa forma, foi necessário que a princesa passasse por esse obstáculo e assim conquistar o reconhecimento merecido. Podemos observar a partir do fragmento acima, a questão do preconceito e da inferioridade imposta pelo masculino sobre o feminino, no qual a mulher só serve para manter a posição de boazinha, enquanto espera o seu príncipe encantado. Enquanto o homem por ser dado como mais forte enfrenta os inúmeros perigos, e a mulher como é dada como frágil, é incapaz de poder salvar-se sozinha. Com isso, Narvaz e Koller, (2006) afirmam que:

Se o papel prescrito aos homens na família patriarcal burguesa relaciona-se ao sustento econômico, o papel prescrito às mulheres é o de que sejam cuidadoras do marido, do lar e dos filhos. Essa prescrição parece ter atravessado os séculos, materializando-se na crença de que a mãe deveria dedicar-se integralmente aos filhos [...]. (NARVAZ e KOLLER, 2006, p. 52).

Essa característica da mulher cuidadora e do homem provedor do sustento percorreu gerações e gerações, tornando-se assim, uma tradição. Quando as mulheres não seguem essa tradição são vistas de forma negativa, como podemos observar na narrativa de Ana Maria Machado (2017), na qual a protagonista desobedece ao patriarcado, e como consequência é retirada do convívio com os pais, para que assim voltasse a ser boazinha. Narvaz e Koller, (2006, p. 51) ainda destacam que: “As diversas formas de discriminação e de violência contra as mulheres são manifestações de relações de poder historicamente desiguais”. Com isso, percebemos que as manifestações de poder do homem contra a mulher é algo que está associada à tradição da sociedade desde sempre.

Nas narrativas infantis clássicas, a felicidade que é pertencente às personagens femininas se dá a partir de ações praticadas por outros personagens. Por exemplo: quando ganha um presente muito esperado, quando vem ao encontro do príncipe encantado ou quando encontra uma pessoa que possa fazer com que ela supere o medo, e assim, possa viver feliz para sempre. A narrativa evidencia que as ações que trazem felicidade à sua protagonista se mostra ser totalmente diferenciada na narrativa infantil contemporânea, como mostra Ana Maria Machado (2017):

Foi a maior sorte da vida da princesa. Porque essa torre ficava bem isolada do resto do castelo. Na verdade, eram os antigos aposentos de um mago que saíra para viajar e nunca mais voltou. Tinha biblioteca aonde quase ninguém ia. E dava para um jardim fechado por um muro alto, onde quase ninguém entrava. (MACHADO, 2017, p. 9).

Assim, diferentemente do que o rei pensava a princesa ao adentrar no alto da torre visualizou o lugar como algo positivo, como uma calmaria onde ela pudesse estudar tranquilamente, em que ninguém a interrompesse. O ato de estudar para a princesa estava sendo observado como algo feliz, como algo que ela conseguiria obter mais conhecimentos e, conseqüentemente, ter o seu direito de fazer suas próprias escolhas. Portanto, por meio do revisionismo, podemos perceber que na narrativa contemporânea, a felicidade das personagens femininas se dá através de outras formas, e não somente através do encontro com o príncipe encantado, mas sim por meio de ações e atitudes que possam fazer com que ela se desafie. Assim, Martins (2015) argumenta que:

O processo de revisão focalizado nesse estudo tem como ponto de partida a narrativa tradicional dos contos de fadas, e o distanciamento percebido na relação intertextual entre texto-fonte e releitura é decorrente da inserção da diferença. O revisionismo é, portanto, um processo duplo de repetição e diferenciação. (MARTINS, 2015, p. 49).

Portanto, percebemos nesse processo de revisão que a princesa traz uma nova roupagem, diferente dos contos tradicionais. Assim, percebemos um distanciamento no que se refere aos costumes determinados pela tradição patriarcal. Como podemos perceber no trecho da obra de Ana Maria Machado (2017):

De castigo na torre, a princesa foi se distraíndo como podia. Olhava muito pela janela. Uma maravilha. Viu que a paisagem se estendia até perder de vista, muito além das muralhas do castelo onde sempre vivera fechada. Lá de cima, ela descobria que o mundo era muito maior do que imaginava. Agora via aldeias, montanhas, vales, bosques e até o mar, ao longe, com navio velejando. (MACHADO, 2017, p. 9).

Nesse fragmento, a torre do conto não tem perigos, não traz o sentimento de algo ruim, mas sim algo na qual a princesa perceba que o mundo tende a ser muito mais além do que os muros do castelo em que vivia. Diante dessa perspectiva, é notório que a princesa vai criando um novo olhar em relação ao mundo e passa a refletir acerca do que estava acontecendo ao seu redor. Quando o texto se refere à torre, o conto nos remete a uma nova ideia, na qual a princesa não necessita ficar à espera do príncipe para que assim seja salva. Diante disso, o revisionismo nos remete a uma ideia clássica dentro da narrativa contemporânea, mas apresentando uma nova perspectiva, com um olhar mais moderno e mais igualitário, em que príncipe e princesa têm os mesmos direitos.

Portanto, os contos contemporâneos explanam mulheres rebeldes, desobedientes, e são vistas com atitudes que não causam espanto nem estranhamento. Visto isso, Martins (2015, p. 34-35) afirma que: “Nas revisões, mulheres que transgridem, subvertem e desobedecem às normas não são apresentadas como anormalidades, mas como figuras criativas, ousadas”. Como a narrativa de Ana Maria Machado (2017, p. 10), exalta que: “a princesinha não ficava só olhando pela janela. Também brincava muito pelo jardim. Outra maravilha. Ficou conhecendo flores e passarinhos, borboletas e abelhas, árvores e minhocas”. Portanto, a princesa foi aflorar seu espírito curioso, buscou descobrir e melhorar ainda mais os seus dias na torre. Dessa forma, percebemos que na narrativa a princesa é destacada como curiosa, ousada, corajosa.

Ana Maria Machado (2017) continua relatando que a princesa teve experiências vividas com o jardineiro, que a ensinava os inúmeros mistérios contidos nas plantas. Ela brincava com os filhos do jardineiro, assistia, lanchava junto com eles sem distinção, sendo tratada como uma pessoa igual a todos que não pertenciam ao palácio. A princesa procurava igualdade, respeito por todos, onde todos seriam reconhecidos igualmente. Todos os dias que ela vivenciou na torre fizera com que ela almejasse mais ainda pelo seu direito de poder fazer suas escolhas.

Nessa perspectiva, percebemos que os contos infantis e juvenis contemporâneos tratam a personagem feminina de forma diferenciada. Com isso, Perrot (2005, p. 199) afirma que: “[...] são as mulheres em ação que interessa encontrar, inovando em suas práticas, mulheres animadas e não mais autômatos, mas criando elas mesmas o movimento da história”. Desse modo, nos contos contemporâneos as mulheres reivindicam, vão à luta, questionam, percebemos mulheres encorajadas, que não têm medo de se aventurar. E o leitor perceberá a personagem feminina como algo positivo, que vai muito mais além do que só esperar o príncipe encantado, mas que está em uma constante busca por manter a igualdade. Desta forma, Martins (2015) aponta que:

[...] diferentemente do que ocorre nos contos tradicionais, nos textos revisionistas observa-se uma ênfase especial nos aspectos positivos desses gestos que não respeitam fronteiras de gênero, definidas no modelo patriarcal, ainda que, em alguns casos, isso não seja muito bem aceito ou compreendido pela sociedade na qual as personagens se encontram inseridas. (MARTINS, 2005, p. 35).

Com isso, entendemos que os contos contemporâneos mostram que as personagens femininas não se sentem obrigadas a obedecer a uma ordem, elas são demonstradas como determinadas que tendem a transcender os limites, por mais que ainda não seja aceita por parte de outros personagens, como no caso da princesa da narrativa, que está em constante busca pelo direito esperado, devidamente por conta da curiosidade infantil, pela vontade de ser igualitária.

Como podemos observar a narrativa Ana Maria Machado (2017, p. 13) destaca que: “a princesa não ficava só olhando pela janela e brincando com os amigos. Também ia muito às salas da biblioteca do mago. A maior das maravilhas. Tinha um monte de livros e computador com acesso à internet. E ela lia, lia, sem parar”. Diante disso, é perceptível essa ideia da atualidade presente no conto, quando se fala em computador, *internet*, ler livros constantemente, isso se trata de traços nos quais são vistos atualmente. A princesa não só brincava, mas também buscava sempre estudar, pesquisando para assim, obter um conhecimento maior. Então, ela lia as inúmeras histórias com diferentes desfechos, e acima de tudo, fazia empréstimos de livros para os amigos, que iam debater e conversar acerca do que tinham lido. Assim como ela os colegas também se tornavam mais sabedores e conhecedores.

Nessa perspectiva, a literatura infantil e juvenil brasileira vem expressando de forma bastante clara que as mulheres estão tendo um olhar diferente em relação aos acontecimentos de sua época, conforme Ana Maria Machado nos apresenta em sua obra *A princesa que escolhia* (2017). Nessa narrativa, a escritora mostra uma princesa totalmente diferenciada das tradicionais, sendo vista com maior liberdade para fazer

suas próprias escolhas, e não ser obrigada a seguir os costumes mencionados pela tradição dos antepassados. Assim, a literatura acompanha o trajeto dos movimentos sociais e políticos que acontecem em meio à sociedade.

A princesa do conto explanado enfrenta as consequências para assim conquistar sua recompensa. Como podemos observar na narrativa de Ana Maria Machado (2017), que primeiramente a princesa tinha contato com os empregados que vinham arrumar a torre, ela relatava as histórias que lia, sua mãe sempre vinha lhe ver e lhe perguntava se já tinha se tornado boazinha, ela sempre respondia que almejava o direito de poder escolher. Então, podemos perceber que existia um contato dela com outras pessoas que não eram da família do jardineiro, ou seja, a princesa mantinha contato com os funcionários, com isso ela ia ganhando mais destaque ao longo da narrativa.

Martins (2015) afirma que nas narrativas contemporâneas a figura masculina deixa de ganhar o destaque que alcançava nas narrativas tradicionais, mostrando serem personagens que atrapalham a trajetória feminina. E assim, o que antes no conto clássico o papel de salvar o reino era da figura masculina, já na contemporaneidade os papéis foram invertidos. Então, Ana Maria Machado (2017, p. 14) explica que: “Um dia, a princesa ouviu no noticiário da televisão que estava havendo uma epidemia de uma doença no reino, e o rei estava preocupado”. A partir desse momento, a narrativa se torna algo fundamental para a protagonista, podendo colocar em prática seus conhecimentos, ajudando a salvar o reino e obter o seu tão sonhado direito de fazer e ter suas próprias escolhas. Percebe-se então que na narrativa o papel de salvadora não é mais do homem, mas sim de uma personagem feminina que conseguiu, por meio de seu empenho, salvar o reino, através do conhecimento adquirido durante o tempo que conviveu na torre.

Nesta perspectiva, observa-se que a personagem feminina está em uma constante procura por eliminar a concepção de que tem apenas a função de ser cuidadora do lar, da família, de ser bela e boazinha. E Ana Maria Machado (2017), explica que a partir do momento que a princesa soube do que estava acontecendo através dos noticiários resolve mandar um bilhete a seu pai informando que queria falar com ele e que tinha uma solução para a doença. Assim, observamos que o protagonismo feminino é bastante destacado na narrativa contemporânea, e a princesa assim como a mulher da sociedade atual, se destaca e consegue os inúmeros direitos, de forma lenta, mas que aos poucos conquista. Então, Zolin (2009), destaca que:

Nas últimas décadas, muitas facções críticas defendem a necessidade de se considerar o objeto de estudo em relação ao contexto em que está inserido; de alguma forma, tudo parece estar interligado. No que se refere à posição social

da mulher e sua presença no universo literário, essa visão deve muito ao feminismo, que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. Do mesmo modo que fez perceber que o estereótipo feminino negativo, largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher. (ZOLIN, 2009, p. 217).

Desta forma, por meio do movimento feminista, a mulher vem conquistar cada vez mais espaço, deixando de ser obrigada a seguir a opinião masculina, e assim, conseqüentemente esta ganhando bastante destaque como podemos observamos no conto *A princesa que escolhia* (2017), de Ana Maria Machado, em que a mulher ganha um importante destaque. Além disso, em inúmeros os outros contos infantis contemporâneos, é notada essa modificação no que se refere ao destaque feminino, essa ideia da liberdade e a importância que a mulher tem perante a sociedade.

Podemos contemplar no conto de Ana Maria Machado (2017), que quando a princesa inicia falando para seu pai o que estava acontecendo, ele fica meio espantando, por perceber que a princesa tinha tanto conhecimento, e sabe como solucionar esse problema. Ao perceber isso o pai fica com todo entusiasmado com toda aquela inteligência, e até questiona sua filha de onde teria tirado toda aquela sabedoria, e ela lhe responde que adquiriu toda a sabedoria por meio de seus estudos através de livros e pela *internet*. Então, ao longo da vivência feminina em meio à sociedade notamos que ao demonstramos a sabedoria feminina o comportamento masculino se mostra de espanto, por ter a visão de que apenas os homens podem fazer descobertas inteligentes.

É perceptível que para os homens a personagem feminina não tem o direito de percorrer desafios e desenvolver atividades que homens fazem, ou seja, para o masculino a divisão de tarefas se mostra ser a melhor opção para as mulheres. Nesta perspectiva, Perrot (2005) afirma que:

Podemos amar sua beleza, mas recusamos sua pretensão de contar também a história das mulheres, mascarada sob os traços de uma dramaturgia eterna - em algum lugar, sempre, o coro das mulheres -, é de uma simbologia fixa no jogo dos papéis e das alegorias. É preciso se libertar destas imagens porque elas modelam a história em uma visão dicotômica do masculino e do feminino: o homem criador / a mulher conservadora. O homem revoltado / a mulher submissa etc. (PERROT, 2005, p. 200).

Visto isso, é perceptível que a mulher sempre sofre com a questão da divisão de tarefas, como é relatado nos diversos contos infantis, principalmente no que se refere aos clássicos, entretanto, podemos perceber que ocorre uma mudança na narrativa *A princesa que escolhia* (2017), sendo essa ideia modificada quando a protagonista feminina passa a colaborar no que se refere à doença que espanta o reino. Então, essa noção de que a mulher deve a todo o momento está sobre o poder e ordem da figura

masculina é reconstruída, evidenciando tanto na sociedade como por meio dos contos, principalmente os infantis, para que os pequenos leitores cresçam com um olhar mais crítico e com maior respeito quando se refere a direitos igualitários.

É notório que o conto de Ana Maria Machado (2017), traz à tona essa importância de que o estudo e o conhecimento se fazem de suma necessidade para concretizar um futuro promissor, repassando assim, para os pequenos leitores que a protagonista é parecida com eles, já que tem acesso à *internet*, assiste televisão e também estuda, mostrando que a realidade da princesa e dos pequenos leitores não é muito diferente do que eles vivem. Neste sentido, o conto traz uma semelhança com o que é transmitido na realidade.

As transformações que vem ocorrendo nas narrativas infantis contemporâneas são vistas de forma bastante clara. Sendo assim, Martins (2015) argumenta que:

[...] a transformação das narrativas tradicionais é feita de tal forma que, apesar de ser possível para o leitor reconhecer o(s) conto(s) de fadas que está (ão) sendo trabalhado(s) nos textos revisionistas, algo diferente lhe salta aos olhos, não havendo como ignorar que esteja diante de uma *outra* história, em outro contexto que vem desestabilizar as interpretações convencionais cristalizadas dentro da tradição. (MARTINS, 2015, p. 54).

Com isso, ainda que se percebam as mudanças nas narrativas contemporâneas, é possível percebermos traços das narrativas clássicas presentes no conto contemporâneo, mas ainda que tenha os traços e algumas semelhanças do tradicional no moderno, o leitor tem a capacidade de perceber e interpretar a ideia do novo e do atual presente no conto. Como podemos observar no exemplo presente na narrativa de Ana Maria Machado (2017):

— A gente podia também dar um prêmio a ela —
sugeriu a rainha.
— Boa ideia! — disse ele.
Mandou chamar a filha e perguntou se ela não queria uma boa recompensa,
algo assim como uma coroa nova.
— Ótimo! Eu quero escolher — disse ela.
— Perfeito! Seu desejo será atendido. Vamos à joalheria.
— Para quê?
— Para você escolher a coroa nova?
— E eu lá preciso de coroa nova?
Então descobriram que o que ela queria de recompensa era poder escolher.
Escolher tudo. Poder dizer sim ou não, sempre. Poder apontar o que preferia,
poder decidir. Não era bem nisso que o rei tinha pensado, mas já tinha dito
que atenderia ao desejo dela. E palavra de rei não volta atrás. (MACHADO
2017, p. 21).

Desta forma, é perceptível essa idealização da tradição presente na contemporaneidade, quando o pai da princesa se refere à coroa nova, mas

diferentemente do que ocorre nos clássicos, a princesa descarta a possibilidade de querer uma coroa nova. Ela passa a modificar a concepção dos traços da tradição, vindo à tona à questão do novo, do moderno quando a princesa deixa entendido que não necessita de uma coroa nova, mas sim do direito de escolher tudo. Vemos que a princesa almeja uma liberdade, com base nos estudos alcançados por ela, consegue obter um dos direitos que tanto desejava, e como ao final do trecho o rei mantém o compromisso, dando então o direito para a sua filha.

Através dessa modificação no direito da princesa o leitor pode observar que de fato está acontecendo uma mudança na narrativa contemporânea. Essas transformações podem modificar a interpretação do leitor, tornando-os mais críticos e com um conhecimento maior quando se refere a direitos igualitários. Além disso, com essa narrativa o leitor poderá se torna preparado para uma realidade marcada por mudanças, já que destaca bastante a questão da igualdade, do respeito ao próximo e o incentivo em buscar conhecimentos. A partir do momento que tomamos mão da narrativa para fazer a leitura e conseqüentemente uma interpretação, a obra nos dá a concepção de liberdade, de busca pelo direito de escolha, nos remete ao conceito de deixarmos de ser bonzinhos e dizer sim sempre. Ensina a falar não, nos momentos que for necessário, e que possamos ir para o alto da torre para estudar e obter o conhecimento maior. A literatura tem fundamental papel no sentido de transmitir as narrativas de acordo com os acontecimentos da época. Sendo assim, Coelho (1991) destaca que:

Em maior ou menor grau, a Crítica literária atual empenha-se em detectar as relações entre a obra e a atmosfera cultural em que ela “respira”. E, a partir dessas relações, caracterizar a linguagem criada, a vibração de sua matéria poética e os inúmeros aspectos que fazem dela uma obra literária autêntica e “contemporânea”. (COELHO, 1991, p. 92).

Desta forma, por meio dos acontecimentos ficcionais a literatura mostra estar atrelada aos ocorridos durante o período, como se pode perceber nas histórias infantis e juvenis contemporâneas que carregam traços do momento moderno, fazendo com que seja através dos acontecimentos de uma sociedade, que a obra literária vai se construindo, e conseqüentemente havendo aí seu desfecho.

Como podemos perceber traços bastantes presentes da sociedade atual, no conto de Ana Maria Machado (2017, p. 22) no qual afirma que a princesa: “Começou logo escolhendo uma coisa importante: ia dispensar os preceptores e estudar numa escola com monte de colegas. Escolhia a roupa que ia vestir, a comida de que gostava, o filme que ia assistir”. É demonstrado na atualidade que as personagens femininas carregam comportamentos e pontos do mundo real, mostrando que assim como na realidade a

protagonista vai à escola, escolhe a roupa que quer vestir, a comida que queria. É notório esse poder de escolha mais afluído na contemporaneidade, algo que quando se trata do conto clássico não é observado, ou seja, as mulheres não tinham o direito de fazer suas próprias escolhas, como é visto na narrativa contemporânea como também na sociedade atualmente.

Além disso, a autora também enfatiza que aspectos marcados por traços da atualidade, como a questão da protagonista ir assistir jogos com a presença de seu pai, assistiam desenhos animados, assistia às novelas com sua mãe, essas se tratam de características que são mostradas na sociedade contemporânea. De acordo com esses costumes e tradições aos poucos vão havendo mais modificações e lentamente a perspectiva da família tradicional vai sendo deixada de lado. Sendo assim, pais mais acolhedores com as decisões dos filhos e até mesmo uma sociedade mais reconhecidora dos direitos, sem haver preconceitos e discriminação quando se refere a lugar de mulher, a questão de que o homem é o provedor do sustento da família, mas que os dois podem chefiar a casa e serem promovedores do sustento sem haver distinção. Dessa forma Coelho (1991) argumenta que:

Só através dessa perspectiva, a de um mundo em mutação acelerada de suas antigas bases, é que se pode compreender melhor as transformações que se vêm processando na voz feminina que, nestes últimos cinquenta anos e cada vez com mais força e essencialidade, se vem fazendo ouvir na Literatura Brasileira. (COELHO, 1991, p. 94).

Com base nas transformações que estão recorrentes em meio à sociedade, a figura feminina está sendo bem observada com maior importância, de acordo com tais modificações ocorrentes, a representação da mulher está alcançando um maior destaque, principalmente no meio literário, tanto como escritora e protagonistas de suas narrativas.

A obra dar continuidade no que se referem às características da atualidade, e os ensinamentos pedagógicos, Ana Maria Machado (2017), relata que:

Quando no colégio uns amigos começaram a fumar e ofereceram a ela, a princesa disse:
— Não, não quero.
— Experimenta, deixa de ser boba. Que é que tem?
Todo mundo fuma...
Mas ela já tinha a maior prática:
— Não, não quero. Não precisa ser igual a todo mundo.
Ou quando resolveram que ninguém ia falar com uma colega nova, que tinha vindo de outro colégio e era meio esquisita, ela disse:
— Pois eu vou!
Foi mesmo. A esquisitice da outra era só diferença mesmo. Acabaram ficando muito amigas. (MACHADO, 2017, p. 23).

Nesse sentido, com as transformações que vem ocorrendo no meio social mostrado no trecho, é possível ser tocado no sentido de nunca querer ser igual a ninguém, mas sim buscar lutar para tornara-se igualitário no que se refere a direitos e espaços iguais, mas não no sentido de aprender algo que não faz bem a saúde, e isso a autora deixa bastante claro para os leitores, além de deixar uma importante lição e ensinamento, quando ela remete a imagem de que não precisamos fazer o que outros fazem e ser iguais aos costumes do próximo, mostra que é necessário acolher as diferenças, e assim não deixar o próximo se sentir excluído.

Assim, autora exalta a todo o momento aspectos da sociedade contemporânea, mas também traça percursos presentes na sociedade tradicional. Ana Maria Machado (2017) expõe a questão do casamento da princesa, onde ela faz a escolha de seu próprio príncipe em um baile organizado por seus pais. Nesse sentido, esses são costumes presentes nos contos clássicos na qual as princesas precisavam de bailes para que pudessem conhecer o príncipe encantado e casar-se, em comparação aos clássicos em que o pai da princesa escolhia. Já na narrativa contemporânea analisada a princesa pode fazer sua própria escolha, fatos esses que estão bem mais exaltados na sociedade atual em que a mulher faz sua escolha.

Percebe-se que aos poucos a modificação a respeito da figura feminina vai acontecendo. E assim, Martins (2015, p. 137) enfatiza que: “[...] A curiosidade feminina ganha novas conotações positivas que vêm subverter a anterior, ao operar na história [...]”. Visto isso, por meio da intuição feminina a tradição vem sendo modificada, e consequentemente sendo vista tais mudanças de forma afirmativa, no sentido de favorecer principalmente a figura feminina. A autora Ana Maria Machado (2017), enfatiza na narrativa que com o crescimento da princesa, decidiram que iria ocorrer um baile para que a princesa olhasse todos os príncipes, ela conversou com todos. Que além dos príncipes a princesa convidou seus amigos também para que participassem juntamente com os demais de forma igualitária. A curiosidade feminina permite essa igualdade, no sentido de conseguir o direito de escolha e através da perseverança alcançou seu direito e fez com que todos fossem iguais, podendo frequentar os mesmos locais.

Nessa perspectiva, a princesa ao conversar com todos os candidatos, é perceptível que ela encontra o par perfeito não para ela, mas para outras princesas, como Ana Maria Machado (2017) exemplifica:

O primeiro era todo esportivo, gostava de escalar montanhas e subir em paredes. Não era um marido que a princesa quisesse escolher. Ela lembrou de uns livros que tinha lido e sugeriu:

— Sabe aquele deserto assim naquele assim assado?
Pois lá tem uma torre enorme, com umas tranças penduradas, ótimas de escalar.
O príncipe seguiu o conselho, foi lá, e daí a pouco tempo estava casado com uma tal de Rapunzel.
O segundo pretendente conversava muito sobre criação de gado, fabricação de couro e exportação de calçados. Ela achou que ele devia ser bom para experimentar sapatinhos e escolheu uma boa noiva para ele. E daí a pouco tempo estava casado com uma tal de Cinderela.
O terceiro ficava logo íntimo, contava piadas, dava palmadinhas nas costas dos ministros. A princesa achou que ele devia ser ótimo para desengasgar quem estivesse com maçãs entaladas e escolheu a noiva dele. Deu certo, porque em poucos meses ele estava casado com uma tal de Branca de Neve.
Outro falava alto, barulhento... era o marido ideal para outra princesa, coitada, que esperava havia tantos anos, esquecida de todos, dentro de um bosque cheio de espinhos. E foi assim que ele saiu e casou com uma tal de Bela Adormecida.
Veio até um senhor mais velho, um príncipe muito distinto, com uma conversa toda melosa:
— Quando você se casar comigo, vai ter tudo, ganhar presente todos os dias. Vamos morar num palácio maravilhoso, cheio de quartos. E vai poder entrar em todos. Quer dizer, quase todos. Tem um que não pode.
Ela olhou bem para a cara dele, com aquela barba azulada, pensou, lembrou de umas coisas que tinha lido... e chamou a polícia. Ainda bem. Porque encontraram um monte de esqueletos de mulheres no castelo do Barba Azul. No tal quarto onde ninguém podia entrar. A princesa ficou horrorizada. (MACHADO, 2017, p. 29-30).

Portanto, com base em sua curiosidade e de seus ensinamentos aprendidos através de leitura e por meio de livros e da *internet* a princesa fez diversas descobertas, e então ao conversar com os pretendentes descobriu que nenhum lhe pertencia. Assim, através de sua intuição e de seus conhecimentos, fez uma descoberta bem interessante e importante relacionado ao último pretendente. A princesa não escolheu nenhum dos príncipes, ela escolheu não se casar. Como podemos perceber na sociedade contemporânea, as mulheres não necessitam se casar para se tornarem felizes para sempre, mas sim tem diversas outras formas de uma mulher ser muito feliz como podemos observar ao longo de toda a leitura e em meio à sociedade.

Nesse sentido, a representatividade feminina na narrativa infantil e juvenil, não necessita estar ligada apenas aos cuidados do lar e da família, mas sim, tanto o homem como a mulher podem trabalhar em conjunto. Para que a igualdade possa começar desde o lar, para que de fato não ocorra nenhuma discriminação e nenhuma forma de desigualdade. Assim Perrot (2005) destaca que:

Os trabalhos da casa não são o apanágio exclusivo das mulheres e os homens podem colaborar neles: por exemplo, a preparação de certos alimentos é sua tarefa. A indústria têxtil em domicílio teria acentuado esta fluidez testemunhos e imagens mostram trocas de papel em que o homem cozinhava ou varria e a mulher terminava a sua peça. A unidade de lugar, associando em um mesmo espaço domicílio e trabalho, produção e consumo é favorável a esta alternância de resto, limitada. Por outro lado, o chefe da família é o homem. (PERROT, 2005, p. 201).

Nesta perspectiva, a distribuição de tarefas deve estar interligada a todos os membros da casa principalmente ao homem e a mulher, sem distinção, mas um trabalho em conjunto, para que aconteça uma administração igualitária, e que assim, a mulher possa ocupar outros lugares que não seja o lar. Como podemos observar no trecho da obra em que a protagonista pratica várias coisas sem se preocupar em cuidar do lar, mas sim age igualmente como todos e Ana Maria Machado (2017), menciona:

Estudou, viajou, aprendeu um monte de coisas. Foi para uma universidade e virou arquiteta. Depois, resolveu estudar ainda mais, umas coisas de nome comprido: urbanismo e habitação popular. Quer dizer, como fazer uma cidade funcionar melhor e como fazer casas baratas para pessoas. Um dia encontrou numa reunião um arquiteto que fazia paisagismo: planejava jardins. Fazia muito tempo que os dois não se viam, mas logo se reconheceram: era o filho do jardineiro, amigo dela do tempo em que ficara de castigo na torre. E foi ele que a princesa escolheu para namorar. (MACHADO, 2017, p. 33).

Nesse sentido, percebemos que mulher necessita não só de cuidar do lar e casar-se com quem o patriarca quiser, mas sim, necessita ir à busca de aprimorar mais ainda seus conhecimentos. A narrativa contemporânea afirma bastante essa questão de percorremos mais ainda por novos conhecimentos, novos lugares e novas experiências, e então decidir qual faculdade cursar, qual o homem certo para dividir uma vida, mas que seja de fato de forma livre. Em que todos possam alcançar e trabalhar sempre baseado nos princípios do respeito e da igualdade, sem ocorrer de forma alguma quaisquer discriminação e desrespeito com a figura feminina.

Visto isso, é notado que a narrativa infantil e juvenil contemporânea destaca bem a mulher, e mostra interpretações nas quais visa que ela necessita de cuidado, de respeito, de ser tratada de forma justa com seus direitos reconhecidos, não de forma frágil e diminuída, mas sim de forma correta, respeitando também seu poder de escolha. Nesta perspectiva, a figura feminina, está sendo bem reconhecida sendo menos dependente da figura masculina, e Martins (2002) afirma:

Em relação ao comportamento, na maioria dos contos atuais, a jovem não se sente fragilizada, nem dependente da figura masculina. Ao contrário, quer apresentar-se sempre em uma relação de igualdade com o homem, o que demonstra um avanço em termos de preconceitos contra a mulher. (MARTINS, 2002, p. 16).

É notório que nas narrativas infantis e juvenis contemporâneas a representação da figura feminina está sendo mais evidenciada de forma corajosa, decidida, curiosa, e esses acontecimentos estão sendo bem contemplados na sociedade atualmente. Essa modificação do comportamento feminino está sendo bem mais aceita, e Ana Maria

Machado (2017) destaca bem que com o falecimento do rei a princesa assumiu o trono e revelou que gostava de escolher, então ela decidiu que deveria haver eleições no reino para que fosse escolhido um ministro para governar, e caso não tivessem satisfeito poderiam retirar e escolher outro novamente. Nesse sentido, a protagonista da narrativa deu o direito de escolha para todos, para que assim pudesse haver uma sociedade justa e igualitária.

Com isso, Zolin (2009) exalta que o movimento feminista age como fundamental aliado na luta das mulheres em relação ao reconhecimento dos direitos iguais, de serem ouvidas, passando assim a ter representatividade perante a sociedade. Deixando a imagem da mulher de ser destinada apenas aos cuidados do lar. No âmbito literário podemos reconhecer e perceber que já está havendo modificações, no sentido de evidenciar a protagonista feminina de forma bem mais destacada, com costumes e maneiras contemporâneas. A obra se encerra enfatizando esses costumes atuais, como argumenta Ana Maria Machado (2017):

E a princesa?
Nem sei se ainda vive por lá e se ainda manda alguma coisa. Sei que ainda está com o filho do jardineiro.
Também não sei se os dois viverão felizes para sempre.
Mas posso garantir que estão muito felizes...
É que os dois se escolhem a cada dia...
E quando alguém pergunta à princesa se ela se arrepende de não ter casado com um príncipe, ela responde:
— De jeito nenhum. Eu tenho o que sempre quis. Sei que não escolhi um príncipe. Mas acho que escolhi um princípio. (MACHADO, 2017, p. 36).

Nesse sentido, a autora conclui sua narrativa enfatizando essa questão da contemporaneidade na qual a princesa deixa o reino para que os ministros possam governar, e passa a viver um romance com seu amigo do tempo que estava na torre deixando a questão do clássico, na qual teria que casar com príncipes, e enfatiza que ela não se arrepende, mas apenas seguiu o seu princípio. Visto isso, é perceptível um aspecto bem interessante, presente no conto em questão, na qual se trata do final da narrativa, em que não se tem um fim determinado, a autora deixa a interpretação final a critério do leitor. Sendo assim, Martins (2015) argumenta que:

O que realmente predomina nas releituras sobre investigação são os finais deixados em aberto, sem soluções definitivas. Diferentemente do que ocorre nos contos de fadas, no caso do revisionismo esse tipo de conclusão não representa, de forma alguma, um ponto final. Na maioria das vezes, multiplicam-se em nossas mentes os pontos de interrogação. (MARTINS, 2015, p. 140).

Desse modo, é notificado que o final da narrativa contemporânea, é deixado a critério da interpretação e imaginação dos respectivos leitores, e então os mesmo podem desvendar seus vários questionamentos, pois não se sabe ao certo como se deu o desfecho das histórias, para que o leitor possa concluir. Ana Maria Machado (2017) deixa de forma bastante nítida que o final da narrativa fica sobre responsabilidade da interpretação do leitor, pois não se sabe ao certo se casaram e foram felizes para sempre ou se foram aprimorar ainda mais seus conhecimentos, mas podemos observar que ao final da obra se tem a imagem da princesa grávida, e podemos assim fazer as possíveis conclusões e desvendar o fim da narrativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi exposto, concluímos que a literatura se trata de um elemento que expressa liberdade, para que assim o leitor possa ultrapassar novos caminhos, e percorrer novas aventuras. O percurso aqui discutido mostra que por meio da literatura podemos nos aventurar e ter a experiência dos diversos lugares, e almejar ainda mais os princípios da igualdade. Portanto, a literatura tem fundamental importância desde os seus primórdios até os dias atuais, no sentido de educar e humanizar os seres humanos. Ou seja, o texto literário acompanha as transformações que ocorrem na sociedade, por esse motivo é perceptível essa mudança em relação ao conto clássico e à narrativa contemporânea infantil e juvenil.

Sendo assim, a literatura infantil e juvenil vem abordando de forma bastante clara e dinâmica para os pequenos leitores o que ocorre de fato em meio à sociedade, demonstrando os inúmeros ensinamentos e os costumes que antes era de uma forma, e atualmente vem sendo modificado, fazendo com que os pequenos leitores conheçam como era a sociedade por meio dos contos clássicos, e fazer uma associação com a narrativa contemporânea infantil e juvenil. Uma vez que, proporciona ao leitor essa comparação do clássico com o contemporâneo, por meio das revisões que fazem com que se tenha essa dimensão do clássico presente na narrativa contemporânea, demonstrando o mundo encantado por meio do novo, por meio de reflexos presentes na realidade.

Por meio das leituras feitas ao longo do trabalho, foi perceptível que a mulher era vista pelo poder patriarcal como inferior e frágil, era destinada apenas para obedecer à voz masculina, aprender os cuidados do lar e se dedicar ao marido e aos filhos. Mas no decorrer dos tempos foi havendo uma modificação a partir disso a mulher vem se destacando por conta das lutas que percorreu e percorre até os dias atuais, para assim tornarem seus direitos reconhecidos e respeitados, e assim ser mais observada no âmbito social, político e cultural.

Nesse sentido, na narrativa *A princesa que escolhia* (2017), percebe-se como Ana Maria Machado destacou a personagem feminina associada ao poder de conquistar os objetivos e ao respeito, deixando assim de demonstrar ser uma personagem frágil e submissa. A semelhança presente no conto nos traz um importante diálogo entre personagens já existentes na memória dos leitores, e com o encontro com as personagens contemporâneas. Isso causa a leveza fundamental para o público, pois o fato de ser mulher não é obstáculo para que elas não alcancem o que desejam. O conto

vem enfatizando também que o meio para se alcançar tudo isso será sempre a educação e o conhecimento. Assim, constata-se que a protagonista da narrativa, assim como a mulher pertencente ao movimento feminista, passa a ter uma postura ativa na sociedade.

Visto isso, ainda atualmente, a luta para desmitificar o sistema dominador masculino está em um processo contínuo, no sentido de retirar a concepção de mulher submissa, frágil, excluída e dependente da figura masculina, e assim proporcionar um convívio justo e igualitário, entre o feminino e o masculino. No âmbito literário, a representatividade feminina se trata de algo de extrema importância no sentido de explicar o verdadeiro papel da mulher em meio à sociedade, enfatizando que ela nunca foi um ser sem voz, mas sim calada e esquecida ao longo dos tempos pela figura masculina.

Sendo assim a literatura infantil e juvenil, por meio das narrativas contemporâneas, vem colocando e demonstrando essa qualidade da mulher, de forma mais libertadora, e sempre com maior destaque, algo que nas narrativas clássicas não era observado, pois, por muitos tempos a mulher estava sendo esquecida e a voz masculina era o que predominava.

Além disso, a partir das modificações ocorridas no âmbito social, a literatura também foi se modificando, havendo um revisionismo nas narrativas clássicas e existindo uma nova roupagem, no sentido de dar maior destaque ao protagonismo feminino, e conseqüentemente até os dias atuais, também por meio do movimento feminista a mulher está conquistando seus direitos, e assim sendo reconhecida perante toda a sociedade, de forma lenta, mais que está sempre percorrendo os caminhos de algo bom e positivo, para a imagem feminina.

Então ao longo do trabalho aqui constituído, percebemos o quanto é necessário e urgente à igualdade entre homens e mulheres. A narrativa nos traz importantes lições, que ao longo do trajeto da leitura vai se refletindo, e assim vamos desvendando os diversos direitos, também mostra que a mulher não deve se prender a um simples muro de um castelo, mas mostra que é necessário buscar conhecimento, na *internet*, nos livros, que devemos nos relacionarmos com todos para que assim busquemos e conseguimos alcançar os devidos direitos de escolha e igualdade perante a todos.

Diferentemente dos contos tradicionais, os contemporâneos trazem uma representação da mulher de uma forma mais livre, com direito de escolha. Dessa forma, percebe-se que essa representação da personagem feminina nos textos infantis e juvenis tem sofrido mudanças. Assim, observamos que a mulher não precisa estar ligada a um homem para ser feliz, mas pode se sentir cada vez mais confortável com suas escolhas, podemos perceber isso na narrativa *A princesa que escolhia* (2017), de Ana Maria

Machado. Essa narrativa traz uma temática voltada para a liberdade feminina, mostrando que a princesa não precisa casar para ter um final feliz, isso mostra que a personagem, assim como a mulher da sociedade atual, precisa de muito mais para ser feliz. Nesse sentido, a obra enfatiza uma nova representação das princesas nas histórias infantis, diferente das narrativas infantis e juvenis tradicionais. Visto isso, Na narrativa infantil e juvenil contemporânea percebe-se como Ana Maria Machado construiu uma personagem feminina totalmente diferente das princesas dos contos clássicos, tornando a princesa contemporânea com mais liberdade de demonstrar ser quem ela é, fazer o que ela quer, o seu poder de escolha lhe dá o direito de determinar o que deseja fazer.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices.** – São Paulo: Scipione, 1997.

CADERMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil.** 2. ed. -- São Paulo: Brasiliense, 2010. – (Coleção Primeiros Passos; 163).

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história, teoria, análises: das origens ao Brasil de hoje.** São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1981.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo.** Língua e Literatura, v. 16, n. 19, p. 91-101,1991.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos.** 4. Ed.- São Paulo, 2012.- (coleção re-significando linguagens).

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo: Ática, 1993.

_____. **Literatura: Leitores & leitura.** São Paulo: Moderna, 2001.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira. História & Histórias.** 6ª edição. São Paulo: Ática, 2007.

MARTINS, Maria da Consolação. **A figura feminina nos contos de fadas tradicionais e contemporâneos.** Belo Horizonte: v.8 n.48, 2002.

MARTINS, Maria Cristina. **(Re) Escrituras: gênero e revisionismo contemporâneo dos contos de fadas.**Jundaí, Paco Editorial: 2015.

MACHADO, Ana Maria. **A princesa que escolhia.** Ilustração Mariana Massarani. - 1ª ed. - São Paulo: Companhia das Letrinhas. 2017.

NARVAZ, Giudice, Martha; Koller, Silvia Helena. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa.** Psicologia & sociedade, vol. 18, núm. 1, enero-abril, 2006, pp. 49-55, Associação brasileira de psicologia social, Minas Gerais, Brasil.

Perrot, Michelle. **História da vida privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra;** tradução Denise Bottmann, Bernardo Joffily — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Zilberman, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas** / Organização Thomas Bonnici. 3. ed. rev. e amplo, Maringá: Eduem, 2009. 406 p.